REVISTA

# OESTE

EDIÇÃO 226 — 19/07/2024

# TIROS NA DEMOCRACIA

As balas disparadas contra Donald Trump expõem a intolerância da esquerda e revelam as deformações ideológicas da imprensa

Por ANA PAULA HENKEL





Donald Trump, candidato presidencial republicano e ex-presidente dos EUA, sofre tentativa de assassinato durante comício de campanha, em Butler, na Pensilvânia | Foto: Brendan McDermid/Reuters

Entre em nosso grupo no Telegram: t.me/CLUBEDEREVISTAS

EDIÇÃO 226

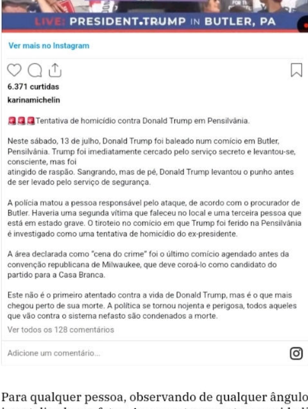
# Tiros na democracia

A tentativa de assassinato de Donald Trump não foi uma surpresa para quem acompanha a retórica dos democratas e da extrema esquerda. Eles odeiam as escolhas do povo

ANA PAULA HENKEL · 19 JUL 2024

Há certas datas que entram para a história de maneira tão marcante que sabemos responder o que estávamos fazendo naquele dia. Para os mais velhos, essa data pode ser quando John Kennedy foi assassinado, em 1963. Para outros, um pouco mais jovens, o 11 de setembro de 2001 e a queda das Torres Gêmeas. Agora, essa lista inclui também o 13 de julho de 2024.

Depois de anos ouvindo uma retórica inflamada sobre Donald Trump, no sábado, 13 de julho de 2024, o mundo entendeu como Trump reage sob fogo real. Com sangue escorrendo pelo rosto e uma orelha ferida por uma bala de rifle, o ex-presidente levantou o punho cerrado e gritou: "Lutem! Lutem! Lutem!".




Para qualquer pessoa, observando de qualquer ângulo político-ideológico, o momento já foi imortalizado em fotos. As cenas transportam os cidadãos americanos de volta às raízes que os uniram ao longo de anos em guerras e adversidades.

Entre as repercussões do atentado nos Estados Unidos, a declaração de um veterano de guerra chamou a atenção. Emocionado, ele lembrava de outro colega, o sargento de artilharia do Corpo de Fuzileiros Navais Mitchell Burghardt.

Em 2006, Burghardt foi chamado ao local de um bombardeio que matou quatro soldados dos EUA no Iraque. Enquanto tentava desarmar outro dispositivo explosivo, o inimigo detonou uma nova bomba, jogando Burghardt para o alto antes de seu corpo bater no chão. O sargento contou mais tarde que, enquanto estava deitado, tudo o que ele conseguia pensar era que não queria acabar como seu pai, um veterano do Vietnã com três Purple Hearts (condecoração militar concedida pelo governo americano a soldados das Forças Armadas feridos ou mortos em combate) que ficou paralisado da cintura para baixo. No momento em que o socorro chegou, ele descreve o que pensava:

*"Começaram a cortar minhas calças, e eu senti uma dor muito aguda e o sangue escorrendo. Então mexi os dedos dos pés e pensei: 'Ótimo, estou na corrida'. Quando uma maca foi trazida, a adrenalina e a raiva entraram em ação. Decidi caminhar até o helicóptero. Não ia deixar meus companheiros de equipe me verem sendo levado em uma maca."*

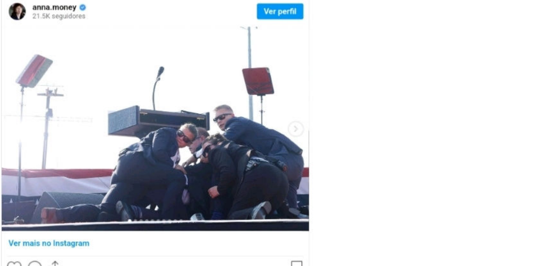
Então, ele se levantou e fez a famosa saudação do dedo do meio para os insurgentes que tentaram matá-lo na explosão: *"Virei para eles como se estivesse dizendo 'ok, eu perdi esta rodada, mas estarei de volta na semana que vem"*.



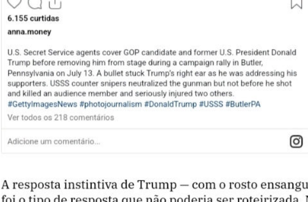
Condecoração militar americana Purple Heart | Foto: Divulgação

Assim como o símbolo de um dedo de Burghardt e a promessa de "voltar na semana que vem", o punho de luta e a resiliência de Trump se tornaram símbolos inconfundíveis — "Eu voltarei". E Trump voltou. No dia seguinte, estava de pé, com a orelha ferida pelo tiro do sábado, mas aterrissando em Milwaukee, no estado de Wisconsin, para a convenção do Partido Republicano.

Outro veterano de guerra, entrevistado pelo canal de notícias americano Fox News logo após o atentado, fez a seguinte observação: "Você vê do que uma pessoa é feita quando está sob fogo real. Já vi gente paralisada ou sem conseguir se comportar adequadamente mesmo em situações para as quais foram treinadas. Outros se destacam exatamente quando essas situações acontecem. Isso não tem como ser forjado".



Donald Trump, candidato presidencial republicano e ex-presidente dos EUA, reage após o atentado em Butler, na Pensilvânia | Foto: Brendan McDermid/Reuters



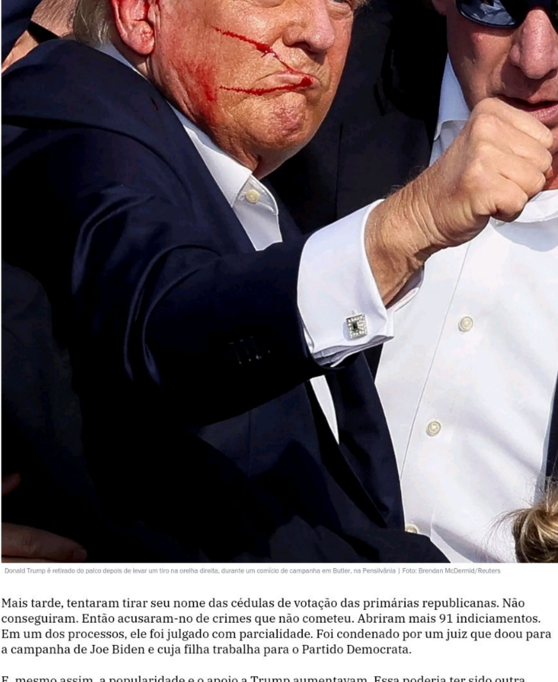

A resposta instintiva de Trump — com o rosto ensanguentado, punho no ar e gritando "Lutem!" — foi o tipo de resposta que não poderia ser roteirizada. Nenhum conselheiro sugeriu que ele deveria reagir daquela forma antes de se deixar empurrar para fora do palco por sua equipe do Serviço Secreto. Isso veio do homem. Não do político.

E essa é a questão que a turma panfletária de pompons nas mãos comandada pelas elites hedonistas não entendeu até hoje, desde 2016. Enquanto a agenda *woke* foi empurrada goela abaixo sem dó nem piedade, atropelando e guilhotinando todos que não se ajoelham diante da farsa imposta por ela, um bilionário malcriado acabou se conectando com as classes baixas, com as minorias e com os trabalhadores por meio de suas políticas que melhoraram efetivamente a vida das pessoas.

**Nossa geração poderia ter sido outra geração a ter visto um presidente ser assassinado ao vivo diante de todo o mundo**

Quem poderia imaginar que ele seria uma pedra no sapato de tantos outros bilionários que formam a elite global e manipulam as cartas do jogo político? A perseguição implacável contra Trump, de democratas e até mesmo de republicanos, escancarou as vísceras do famigerado *deep state* americano.

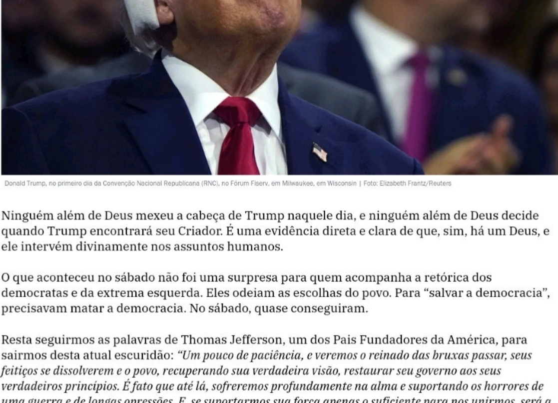
Primeiro riram e debocharam de Trump. Mesmo assim, ele foi eleito pelo povo. Depois, não deixaram que ele governasse durante quatro anos. Acusaram-no de "conluio com a Rússia", "amizade com ditadores", "inimigo da democracia". Ele era o novo "Hitler". O sistema emplacou vários processos de *impeachment* durante e após seu governo. Era preciso arrancar Donald Trump da Casa Branca. Era preciso evitar que ele voltasse.



Donald Trump é retirado do palco depois de levar um tiro na orelha direita, durante um comício de campanha em Butler, na Pensilvânia | Foto: Brendan McDermid/Reuters

Mais tarde, tentaram tirar seu nome das cédulas de votação das primárias republicanas. Não conseguiram. Então acusaram-no de crimes que não cometeu. Abriram mais 91 indiciamentos. Em um dos processos, ele foi julgado com parcialidade. Foi condenado por um juiz que doou para a campanha de Joe Biden e cuja filha trabalha para o Partido Democrata.

E, mesmo assim, a popularidade e o apoio a Trump aumentavam. Essa poderia ter sido outra geração a ver um presidente ser assassinado ao vivo. O fato é que o mundo inteiro assistiu a um milagre ao vivo na noite de sábado. Não era o dia de Trump morrer. Sua experiência de quase morte foi um evento divino, que mostrou Quem detém poder total sobre a vida e a morte. É um tratamento de choque espiritual para aumentar a fé daqueles que creem e daqueles prontos para crer.



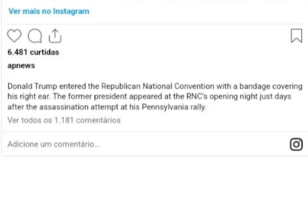
Donald Trump, no primeiro dia da Convenção Nacional Republicana (RNC), no Fórum Fiserv, em Milwaukee, em Wisconsin | Foto: Elizabeth Frantz/Reuters

Ninguém além de Deus mexeu a cabeça de Trump naquele dia, e ninguém além de Deus decide quando Trump encontrará seu Criador. É uma evidência direta e clara de que, sim, há um Deus, e ele intervém divinamente nos assuntos humanos.

O que aconteceu no sábado não foi uma surpresa para quem acompanha a retórica dos democratas e da extrema esquerda. Eles odeiam as escolhas do povo. Para "salvar a democracia", precisavam matar a democracia. No sábado, quase conseguiram.

Resta seguirmos as palavras de Thomas Jefferson, um dos Pais Fundadores da América, para sairmos desta atual escuridão: *"Um pouco de paciência, e veremos o reinado das bruxas passar, seus feitiços se dissolverem e o povo, recuperando sua verdadeira visão, restaurar seu governo aos seus verdadeiros princípios. É fato que até lá, sofreremos profundamente na alma e suportando os horrores de uma guerra e de longas opressões. E, se suportarmos sua força apenas o suficiente para nos unirmos, será a situação mais feliz em que poderemos existir. Se o jogo às vezes correr contra nós, devemos ter paciência até que a sorte mude, para então termos a oportunidade de reconquistar os princípios que perdemos, pois esta é uma disputa em que o que está em jogo são nossos princípios."*

O mundo testemunhou um milagre. A sorte pode estar mudando de lado.




Pessoas se reúnem para comício de campanha de Donald Trump, candidato presidencial republicano e ex-presidente dos EUA, no Butler Farm Show, em Butler, na Pensilvânia (13/7/2024) | Foto: Reuters/Brendan McDermid

EDIÇÃO 226

# Carta ao Leitor — Edição 226

O atentado contra Donald Trump e o noticiário da imprensa sobre o episódio estão entre os destaques desta edição

REDAÇÃO OESTE · 19 JUL 2024

Dois acontecimentos chocaram o mundo neste 13 de julho, um sábado. O primeiro foi o atentado contra Donald Trump, transmitido ao vivo pela televisão e replicado instantaneamente pelas redes sociais. O segundo foi a tortura dos fatos promovida por jornalistas incapazes de enxergar no ex-presidente em campanha por mais um mandato a vítima de uma tentativa de assassinato.

Três exemplos brasileiros resumem a generalizada manipulação de manchetes:

“Barulho interrompe comício de Trump”, publicou o UOL.

“Trump é retirado de comício após ouvir barulho de tiros”, noticiou a CNN.

“Trump cai durante comício de campanha”, afirmou a GloboNews.

Algumas horas transcorreram até que o óbvio fosse noticiado honestamente. “Foi, no fim das contas, um curso completo em matéria de desinformar, informar mal ou simplesmente não informar”, observa **J.R. Guzzo** em sua coluna. “O episódio deixou clara, mais uma vez, a falência generalizada nos sistemas vitais dos veículos de comunicação de hoje.”

O caminho seguido pela imprensa velha resultou numa colisão frontal com o percorrido por **Oeste**. Já no início da noite do sábado, o site resumiu o que ocorrera: “Trump é ferido em tentativa de assassinato; ex-presidente passa bem“. “**Oeste** cumpriu o seu dever contratual com os leitores”, lembra Guzzo. “Informação limpa, factual e clara, na medida da nossa capacidade e competência, e não a teimosia infantil de apresentar ao público os desejos dos jornalistas.”

Diante da impossibilidade de esconder a verdade, parte da mídia se esforçou para atribuir a culpa ao “discurso de ódio” produzido por Trump. A outra acusou o ex-presidente de defender o porte de armas. A seita que tem em Lula seu único deus foi ainda mais audaciosa: afirmou que tanto o atentado do sábado quanto o sofrido por Jair Bolsonaro em Juiz de Fora não existiram. “É a ‘Fakeada’ fazendo escola”, reincidiu André Janones, gerente da maior usina de *fake news* da história do Congresso.

Em sua coluna, **Augusto Nunes** registra que a autodenominada esquerda brasileira nunca foi tão longe. Em setembro de 2018, os principais jornais do país não tentaram camuflar a tentativa de assassinato. “Bolsonaro é esfaqueado, passa por cirurgia e está na UTI”, “Bolsonaro é esfaqueado em Minas” e “Bolsonaro sofre atentado a faca” foram algumas das manchetes da época.

Seis anos depois, a esquerda não consegue disfarçar a ferocidade com que reage a opiniões contrárias. Como explica **Ana Paula Henkel** no artigo de capa desta edição, a tentativa de assassinato de Donald Trump não surpreendeu quem acompanha a retórica dos democratas e da extrema esquerda. “Eles odeiam as escolhas do povo”, constata Ana Paula.

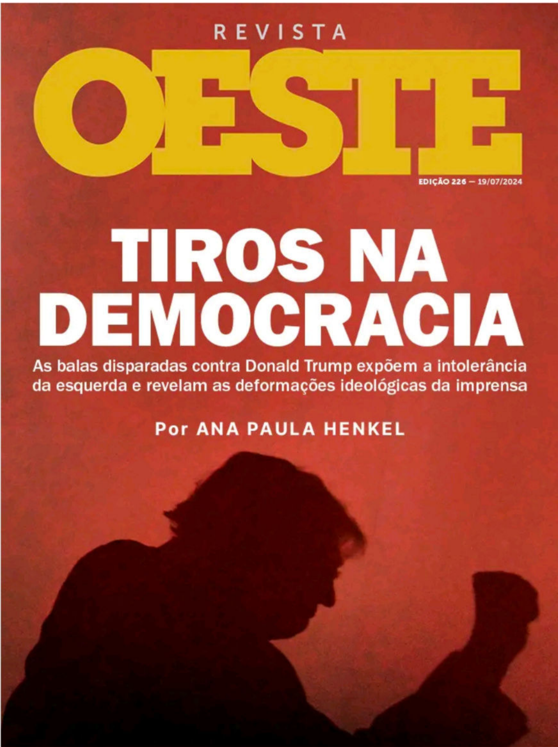
A coluna de **Alexandre Garcia** destacou um trecho do editorial publicado pelo *Wall Street Journal* horas depois do atentado: “Os democratas têm que parar com essa conversa grosseiramente irresponsável sobre Trump ser uma ameaça existencial à democracia — ele não é”.

Como ressalta o pacto firmado com os leitores, os textos de **Oeste** vão sempre tratar os fatos com respeito. Só assim teremos uma imprensa que mereça esse nome.

Boa leitura.

Branca Nunes,

Diretora de Redação



Capa da Revista **Oeste**, edição 226. Sombra de Donald Trump projetada em um painel durante a Convenção Nacional Republicana, em Milwaukee, em Wisconsin, EUA (15/7/2024) | Foto: Carol Guzy/Zuma Press Wire/Shutterstock



Donald Trump, candidato presidencial republicano e ex-presidente dos EUA, é retirado do palco pelo Serviço Secreto depois de sofrer uma tentativa de assassinato durante comício de campanha em Butler, na Pensilvânia (13/7/2024) | Foto: Reuters/Brendan McDermid

EDIÇÃO 226

# O transtorno mental da imprensa

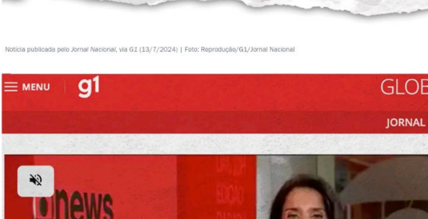
O atentado a Donald Trump deixou clara, mais uma vez, a falência generalizada nos sistemas vitais dos veículos de comunicação de hoje


J. R. GUZZO - 19 JUL 2024

Durante pelo menos quatro horas inteiras, na noite do sábado 13 de julho, o público brasileiro ficou sem informações sobre um acontecimento de impacto mundial — a tentativa de assassinato contra Donald Trump, candidato à Presidência dos Estados Unidos nas eleições de novembro deste ano. Não houve censura oficial sobre o atentado. Houve, isto sim, a mais histérica operação já feita ao longo dos últimos anos pela mídia tida como "séria" para esconder um fato que não queria publicar — ou, pior ainda, queria falsificar, pois a realidade do acontecimento e das suas imagens estava em desacordo com as convicções pessoais da maioria dos jornalistas. Foi uma operação obviamente inútil. A verdade teria de aparecer, mais cedo ou mais tarde, e apareceu. Durante algumas horas de megalomania, porém, na qual se imaginou capaz de mudar os fatos, a mídia se recusou a informar que um assassino tinha tentado matar Trump a tiros, com um fuzil AR-15, durante um comício de sua campanha eleitoral. O que aconteceu, então? Pelo que disse a mídia, talvez a bala tenha se suicidado: atirou-se violentamente contra a cabeça do candidato e morreu ali mesmo, na hora. Ou foi Trump quem matou o tiro? Alguma coisa houve, com certeza. Mas nós não vamos dizer qual é.

Não se trata mais, no caso, de militância contra "a direita", atividade que muitos jornalistas consideram hoje como o seu dever profissional supremo — a obrigação de atacar Trump, Bolsonaro, Milei etc. em qualquer circunstância e a respeito de tudo. Aí já é transtorno mental. Trump, para a mídia, é sempre o culpado pela violência; não pode, portanto, ser ele próprio uma vítima de violência. A partir desse ponto de fé e de doutrina, a mídia decidiu desligar os circuitos normais do raciocínio lógico. No episódio do atentado, havia imagens de Trump com o rosto ensanguentado. Os agentes de segurança apareciam retirando o candidato do palanque. Havia um morto e dois feridos graves na plateia. O próprio assassino jazia morto em cima de um telhado, à vista de bilhões de pessoas em todo o mundo. Até mesmo o presidente Lula, que não pode nem ouvir falar de Trump, já tinha feito um comunicado oficial condenando expressamente o crime. Mas a imprensa continuava se recusando a informar que um atirador tinha tentado matar o candidato da direita à Presidência dos Estados Unidos. Dizia o quê? Dizia tudo, menos o que aconteceu.

mariofriasoficial
2,0M seguidores
Ver perfil


Ver mais no Instagram

125.701 curtidas
mariofriasoficial
Imundos!
Ver todos os 10.269 comentários
Adicione um comentário...


g1 JORNAL NACIONAL

Comício de Trump é interrompido após sons de tiros, na Pensilvânia

O candidato presidencial republicano foi retirado às pressas do palco pelos agentes de segurança. Ele estava com sangue escorrendo pelo rosto.

Notícia publicada pelo Jornal Nacional, via G1 (13/7/2024) | Foto: Reprodução/G1/Jornal Nacional




Comício de Trump é interrompido após supostos sons de tiros, na Pensilvânia

Notícia publicada pela GloboNews, via G1 (13/7/2024) | Foto: Reprodução/G1/Globonews


agênciaBrasil

Trump é retirado de comício com sangue na orelha após sons de tiros

O ex-presidente e candidato à Presidência estava na Pensilvânia (EUA)

Publicado em 13/07/2024 - 20:29 Por Por Nathan Layne, Jarrett Renshaw, John Kruzel e Daniel Wallis - Repórteres da Reuters - Pensilvânia

Notícia publicada na Agência Brasil (13/7/2024) | Foto: Reprodução/Agência Brasil

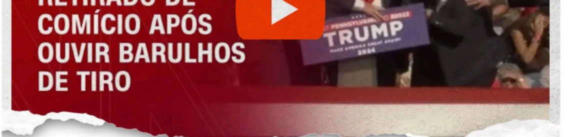

CNN BRASIL

Trump é retirado de comício após tiros; ex-presidente foi ferido na orelha

Ex-presidente está bem, de acordo com seu porta-voz, Steven Cheung




Notícia publicada pela CNN (13/7/2024) | Foto: Reprodução/CNN

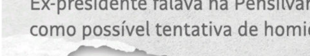

FOLHA DE S.PAULO

ESTADOS UNIDOS · PARTIDO REPUBLICANO · ELEIÇÕES EUA

Trump é ferido, mas passa bem após tiros em comício; suspeito é morto

Ex-presidente falava na Pensilvânia; incidente é investigado como possível tentativa de homicídio

Notícia publicada na Folha de S.Paulo (13/7/2024) | Foto: Reprodução/Folha de S.Paulo



uol ASSINE

INTERNACIONAL

Barulho interrompe comício de Trump; ex-presidente aparece sangrando



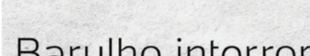
Notícia publicada no UOL (13/7/2024) | Foto: Reprodução/UOL

Ficará na história das manchetes mais cretinas do jornalismo universal a maciça convulsão verbal utilizada para descrever o que todo mundo podia ver com os seus próprios olhos. Em vez de dizer: "Trump sobrevive a tentativa de assassinato", vieram com uma bateria de palavras e frases tão contorcionadas, ou puramente idiotas, que a coisa toda descambou para o terreno da comédia. Falaram em "sons de tiros", que poderiam não ter sido sons, nem tiros. Nunca se viu isto: até hoje, desde Gutenberg, em nenhum lugar do mundo um tiro é descrito como um tiro, e não como "um ruído provavelmente originado por uma possível arma de fogo". Foi realmente uma competição e tanto. Que veículo conseguiria arrumar a pior combinação de letras para descrever o que tinha ocorrido? Num claro momento de superação, o *G1* falou em "supostos sons de tiro". Que raio seria isso? "Trump cai no palco (..) com sangue no rosto", disse *O Globo*. "Trump é retirado de comício após sons similares a tiros", escreveu a *Folha de S.Paulo*. "Barulho interrompe comício de Trump", informou o UOL. Ninguém, em toda essa excitação cerebral, parece ter igualado um título da CNN que chamava a tentativa de assassinato de "ação contra Trump" — isso 48 horas depois de todas as confirmações de que tinha havido um crime em plena luz do sol.

> **A mídia só aceita dizer que o ofensor é ele. Trump já é quase tratado, na verdade, como o culpado pelo tiro que levou na própria orelha. Imagine-se se fosse a orelha de Joe Biden**

Nada disso tem a ver com a cautela indispensável que um veículo de imprensa está obrigado a utilizar antes de publicar qualquer coisa — e que começa com a confirmação de que o fato anunciado realmente aconteceu. No caso de Trump fizeram o contrário. Substituíram o fato confirmado de que ele tinha sido alvo de um atentado contra a sua vida por essa salada gramatical armada para ocultar, pelo máximo de tempo possível, que tinham tentado matar Donald Trump a tiros. É como dizer, no assassinato de John Kennedy: "Parece que ouviram o que talvez tenha sido um possível ruído causado por um objeto que pode ser um projétil balístico. Há sinais de que o suposto presidente caiu depois do suposto barulho". O fato é que a mídia, simplesmente, estava odiando contar o que tinha de ser contado. Amarrada à neurastenia ideológica que hoje substituiu as técnicas básicas do jornalismo profissional, responde a praticamente um único estímulo: "Se um fato pode ajudar a direita, é dever do jornalista não publicar esse fato, ou só publicar dentro da ótica das lutas democráticas. Assim como o STF é 'o editor do Brasil', nós somos os editores da verdade".

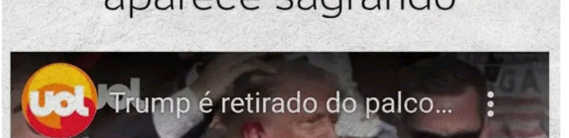
marco.antonio.costa
Áudio original
Ver perfil




Ver mais no Instagram

48.363 curtidas
marco.antonio.costa
🚨SENTIU?! Militante travestido de jornalista da Globo News leva uma invertida brutal do jornalista americano Brian Winter: 'especulação ridícula'. Assista até o final! 🔥
Ver todos os 5.832 comentários
Adicione um comentário...

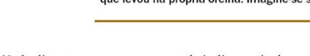
marcosrogerioficial
735K seguidores
Ver perfil




Ver mais no Instagram

7.051 curtidas
marcosrogerioficial
É inacreditável que uma emissora dê palco para teorias da conspiração como essa, que questionam a autenticidade de um atentado que por pouco não custou a vida do ex-presidente Donald Trump.
São falas irresponsáveis como essa que tensionam ainda mais a política, criando um ambiente de instabilidade e insegurança.
Mas o que esperar dessa esquerda que faz piada e chacota de tudo, inclusive com o atentado que quase levou à morte o presidente Jair Bolsonaro?
#MarcosRogério #SenadorMarcosRogério #Rondônia
Ver todos os 275 comentários
Adicione um comentário...

No caso do atentado contra a vida de Trump, **Oeste** cumpriu o seu dever contratual com os leitores. *"Trump é ferido em tentativa de assassinato; ex-presidente passa bem"*, escreveu o site da revista às 21h11 do sábado — quando os editores do Brasil, do mundo e da verdade estavam falando de suposto som, de suposto tiro, contra o suposto candidato. Não é a segunda descoberta da pólvora. É apenas a entrega do que **Oeste** se comprometeu a entregar aos seus leitores, em troca da assinatura que fizeram: informação limpa, factual e clara, na medida da nossa capacidade e competência, e não a teimosia infantil de apresentar ao público os desejos dos jornalistas. O episódio deixou clara, mais uma vez, a falência generalizada nos sistemas vitais dos veículos de comunicação de hoje. É uma doença que se expressa na crescente incapacidade da imprensa em cumprir a sua função fundamental: fornecer as informações que o público paga para receber. Se não conseguem dizer com um mínimo de objetividade, durante horas a fio, que tentaram assassinar o candidato mais forte à Presidência dos Estados Unidos, para que servem então os jornalistas? Para que assistir ao noticiário de televisão ou ler o jornal se nem a televisão nem o jornal querem dizer o que está acontecendo?


REVISTA OESTE

A Oeste · Colunistas · Política · Economia · Tecnologia · Agronegócio · Br

MUNDO

Trump é ferido em tentativa de assassinato; ex-presidente passa bem

Atirador foi neutralizado logo em seguida, de acordo com informações de promotor da Pensilvânia

REDAÇÃO OESTE - 13 JUL 2024 21:11

Notícia publicada no site de **Oeste** (13/7/2024) | Foto: Reprodução/Oeste

É exatamente essa imprensa que o ministro Alexandre de Moraes, a elite civilizada e os próprios jornalistas consideram a única autorizada a falar para o público. Atacam com o furor de terrorista islâmico as redes sociais, que consideram a principal desgraça na humanidade do século 21. No seu modo de ver as coisas, elas usam mal a liberdade, divulgam *fake news*, fazem tráfico de "desinformação" e trabalham para destruir a democracia. Mas o que todos eles têm realmente de oferecer, na hora em que a informação correta é o mais importante, é isso aí que se viu. "Teria acontecido", "Pode ter acontecido", "Parece que", "Não se sabe se", "Não se exclui a hipótese de que", "Trabalha-se com o cenário disso ou daquilo", "Suposto barulho", "Suposto tiro", "Suposto atentado". Foi, no fim das contas, um curso completo em matéria de desinformar, informar mal ou simplesmente não informar. Trump não pode, de jeito nenhum, aparecer como a parte que foi ofendida, seja lá o que disserem os fatos. A mídia só aceita dizer que o ofensor é ele. Trump já é quase tratado, na verdade, como o culpado pelo tiro que levou na própria orelha. Imagine-se se fosse a orelha de Joe Biden.

Essa é, a propósito, a segunda parte da exibição. Não sendo mais possível sustentar a ficção do "suposto ruído", a imprensa engatou direto na interpretação do que teria havido. Essa segunda estrofe é ainda pior que a primeira. Sim, houve o tiro, mas para muitos comunicadores foram o "discurso do ódio" de Trump e seus "ataques à democracia" os grandes responsáveis pelo crime. A culpa é do comércio aberto de armas, que Trump defende. Acusa-se, por atacado, os seguidores "fanáticos" de Trump; aliás, ele não tem eleitores, tem só psicopatas que o seguem de olhos fechados, segundo a mídia em geral. Nas análises mais moderadas, ele é acusado de "se fazer de vítima" — quer dizer, o sujeito leva um tiro que por milímetros não lhe estoura o crânio, mas quer agora ficar "no papel" de pessoa agredida. Está se aproveitando do caso para fazer "marketing eleitoral"; depois de escapar da morte, teve o mau gosto de levantar o punho, não enxugar o sangue no rosto e dizer à plateia: "Lutem". Nas interpretações mais patológicas, não aconteceu nem o crime; foi ele próprio, Trump, quem armou toda uma vasta fraude para fingir que tinha levado o tiro, levando sangue para espalhar no rosto e criar um cartaz de campanha.

evanvucci
165K seguidores
Ver perfil

Ver mais no Instagram

82.681 curtidas
evanvucci
Republican presidential candidate former President Donald Trump raises his fist as he is rushed off stage after an assassination attempt during a campaign rally in Butler, Pa. @apnews
Ver todos os 652 comentários
Adicione um comentário...

É o tipo da coisa que sai o tempo todo dos esgotos da internet. Mas foi tratada em extensas teorias de "especialistas" convidados pela mídia "tradicional" para colocar em circulação acusações primitivas, mal-intencionadas e principalmente burras contra a vítima do atentado. Qual é a diferença, então, entre as mentiras mais pervertidas da internet e essas análises da "imprensa de qualidade"? A mídia sempre corre para gritar "sem provas" quando surge alguma acusação que não aprova; o grande clássico do gênero são as urnas do TSE. No caso da tentativa de assassinato contra Trump, publicou-se de tudo — e o "sem provas" não apareceu. A questão, a essa altura, deixou de ser uma questão da atividade jornalística regular pelo ativismo pró-esquerda. O que regula a conduta da mídia brasileira e mundial, hoje em dia, é a síndrome do transtorno obsessivo-compulsivo em relação à direita. Os extremistas não são os que querem matar Donald Trump — ou Jair Bolsonaro. Os extremistas, para a mídia, são eles. Não se conhece vacina para esse tipo de psicose.



Donald Trump, candidato presidencial republicano e ex-presidente dos EUA, ergue o punho após tentativa de assassinato em um comício de campanha em Butler, na Pensilvânia (13/7/2024) | Foto: Reuters/Brendan McDermid

EDIÇÃO 226

# Estrabismo cafajeste

Lula ordena aos devotos que não enxerguem tentativas de assassinato



AUGUSTO NUNES - 19 JUL 2024

Em 6 de outubro de 2023, Alexandre de Moraes transformou o que deveria ser a palestra de encerramento de um seminário sobre Direito Financeiro e Cidadania em outra incursão destrambelhada pela selva infestada de *fake news* criminosas, golpistas alojados em gabinetes do ódio, fascistas obcecados pelo enterro da democracia e demais abjeções bolsonaristas. Já no início da discurseira, o primeiro-ministro do Supremo Tribunal Federal declarou-se especialmente estupefato com a imensidão de brasileiros que acreditaram numa mentira deslavada por ele capturada não lembrava quando. "Três, quatro anos, talvez mais...", calculou antes de tentar resumir a tapeação: "A Venezuela já havia invadido o Acre, o Brasil, e estava marchando, e tal. E cada vez mais pessoas estavam acreditando na invasão, apoiada por comunistas. O comunismo dá ibope".



Alexandre de Moraes, ministro do STF | Foto: Antonio Augusto/TSE

Alguém na plateia pode ter imaginado que o orador se espantara por ver tanta gente engolindo sem engasgos uma impossibilidade geográfica: como começar aquela invasão do Brasil por um Estado que não tem um único centímetro de fronteira com a Venezuela? A continuação do palavrório esclareceu que o motivo do espanto era outro. "Cada vez mais gente acreditava na invasão, não importa que nenhuma televisão dê isso. Nem a Globo nem as outras diziam nada, mas todo mundo começava a achar que a Venezuela avançava. Nada na televisão. Mas a *fake news* ia crescendo." A história da invasão talvez tenha sido inventada pelo palestrante. Mas entendi ao conferir o vídeo do palavrório que Moraes só acredita no que dizem os telejornais (e a imprensa estatizada reproduz).

Se agiu assim no último sábado, o ministro só soube com algumas horas de atraso do atentado que por muito pouco não explodiu o crânio de Donald Trump. Como constatou J.R. Guzzo nesta edição, a tentativa de assassinato noticiada pelo site de **Oeste** minutos depois de ocorrida só conseguiu aparecer na mídia tradicional depois de superada a furiosa resistência das tropas lulistas acampadas nas redações. Enquanto a vigarice prevaleceu, o ministro que só acredita no que dizem veículos subordinados ao Grupo Globo teve de contentar-se com um cardápio reduzido a três tapeações: *"Trump caiu do palco durante comício na Pensilvânia com sangue no rosto"* (*O Globo*); *"Trump cai durante comício de campanha"* (GloboNews); *"Comício de Trump é interrompido após supostos sons de tiros"* (G1).



O GLOBO | Mundo

Últimas | Política | Brasil | Rio | Mundo | Economia | Saúde | Cultura | Esportes | Colunistas | Opinião | Clube | Newsletters

Mundo

Com sangue no rosto, Trump é retirado às pressas do palco durante comício na Pensilvânia após disparos; vídeo

Ataque de franco-atirador, morto pelo Serviço Secreto, deixa um espectador e dois feridos em situação grave; caso é investigado como 'tentativa de assassinato'

Por Amanda Scatolini
13/07/2024 19h16 · Atualizado há 5 dias

Presentear matéria

Notícia publicada no jornal *O Globo* (13/7/2024) | Foto: Reprodução/*O Globo*

Os torturadores da verdade afundaram atirando. A multiplicação de fatos e evidências que comprovavam a revogação do direito à informação correta foi ignorada pelos companheiros de fraude até a consumação do naufrágio. O autor da infâmia não foi tratado como um fanático assassino, obcecado pela ideia de eliminar fisicamente o Grande Satã da esquerda mundial. Errou o alvo por milímetros, e continuou atirando. Ao ser abatido por agentes de segurança, matara um homem e fizera o possível para minar a solidez da mais antiga e robusta democracia do planeta. Foi agraciado pelos redatores lulistas com a mesma palavra que identifica bandidos precoces mortos em confrontos com a polícia: "jovem". Um assassino vocacional foi para a cova com a fantasia de "jovem assassinado".

---

**Até o atentado ocorrido em Juiz de Fora, jornalistas e leitores enxergavam com nitidez tentativas de assassinato que miravam celebridades políticas**

---

Por culpa da vítima, decidiu o editorialista do *Estadão* que comentou a erupção de violência na Pensilvânia caprichando na pose de doutor em assuntos estadunidenses. "Não se pode dizer que era imprevisível em um contexto no qual o recurso à força das armas tem sido estimulado pelo próprio ex-presidente como meio de afirmação política desde o fatídico 6 de janeiro de 2021", ensina um trecho do besteirol. O tom arrogante sugere que o autor do texto manteve com o assassino morto aos 20 anos uma longa conversa mediúnica — e dele ouviu que a decisão de executar Trump foi tomada no dia da invasão do Capitólio, quando nem chegara ao fim da adolescência.




Donald Trump é auxiliado por seguranças do Serviço Secreto após atentado durante comício de campanha em Butler, na Pensilvânia (13/7/2024) | Foto: Reuters/Brendan McDermid TPX Images of the Day

O pensador de picadeiro precisa saber que desde 15 de dezembro de 1791, quando foi aprovada a Segunda Emenda, a Constituição dos Estados Unidos garante a todo cidadão o direito de possuir e portar armas de fogo. Uma alma caridosa deve contar-lhe que em novembro de 1963 o presidente John Kennedy foi morto a tiros, e que em março de 1981 o presidente Ronald Reagan sobreviveu aos estragos causados por balas. Quem responsabiliza pelo crime o instrumento usado pelo criminoso decerto ignora que armas de fogo não apertam gatilhos. E nem desconfia que podem ser substituídas por armas brancas, como reiterou em 6 de setembro de 2018 a facada desferida em Jair Bolsonaro por Adélio Bispo de Oliveira.

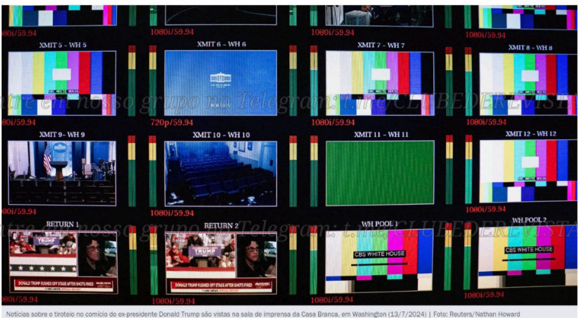
Até o atentado ocorrido em Juiz de Fora, jornalistas e leitores enxergavam com nitidez tentativas de assassinato que miravam celebridades políticas. Foi assim em 1893, quando o presidente Prudente de Morais sobreviveu a um atentado. Foi assim em 1954, quando o jornalista Carlos Lacerda sobreviveu ao tiroteio que resultou na morte de um oficial da Aeronáutica e apressou a agonia do presidente Getúlio Vargas. E assim teria sido com o ataque sofrido por Bolsonaro se os tiros em Trump não conferissem dimensões epidêmicas a uma estranha disfunção que afeta devotos de Lula: o estrabismo cafajeste, que faz com que seus portadores só enxerguem o que o único deus da seita deseja que vejam. Nesta semana, por exemplo, o mestre fingiu lamentar o tiroteio na Pensilvânia, mas ordenou a alguns discípulos que deixassem de enxergar os atentados que alvejaram Trump e Bolsonaro.



Carlos Lacerda, em 1966 | Foto: Wikimedia Commons

Um deles foi o deputado André Janones, que fortaleceu a candidatura a líder da bancada das bestas quadradas com um comentário no X: "Agora sabemos o que o miliciano foi fazer nos Estados Unidos assim que deixou a Presidência. É a fakeada fazendo escola. Pelo menos dessa vez lembraram de providenciar o sangue". Ganhou o endosso do companheiro Ricardo Berzoini: "Acreditar no 'atentado' contra Trump é o mesmo que crer na fakeada de Juiz de Fora em 2018", escreveu o deputado do PT. Berzoini foi avalizado por Gleisi Hoffmann: a presidente do partido que virou bando publicou uma caricatura sugerindo que aquele vinco vermelho-escuro no rosto de Trump não era sangue. Era ketchup.

Os disparates informam aos berros que a trinca de governistas difunde *fake news* a poucos metros do gabinete de Alexandre de Moraes no Supremo Tribunal Federal. Eles sabem que no inquérito conduzido pelo Primeiro Carcereiro não há vagas para vigaristas que nem precisam de crachá para circular de bermudas nas sedes dos Três Poderes.



Notícias sobre o tiroteio no comício do ex-presidente Donald Trump são vistas na sala de imprensa da Casa Branca, em Washington (13/7/2024) | Foto: Reuters/Nathan Howard





| EDIÇÃO 226

# O barulho da Pensilvânia

Novo boletim. Está sentado? Os barulhos ouvidos no estado norte-americano podem ter sido de tiros. Vamos continuar apurando para noticiar tudo com muito cuidado


GUILHERME FIUZA · 19 JUL 2024



Interrompemos nossa programação para informar que houve um barulho na Pensilvânia. Aguarde atualizações.

Atualizando: houve um barulho estranho na Pensilvânia. Em breve mais detalhes.

Urgente: confirmado o barulho estranho na Pensilvânia. Voltaremos a informar sobre o assunto ao longo da programação.



Agora é oficial: o barulho na Pensilvânia foi muito estranho mesmo. E a nossa reportagem já apurou que pode ter havido mais de um barulho. Ou seja: não queremos nos precipitar, mas talvez estejamos diante de vários barulhos. Aqui você saberá de tudo, doa a quem doer.


kennia.wr
121K seguidores
Ver perfil

Não há volta para a CNN. Simplesmente inacreditável. Nenhuma menção sobre o atentado

CNN: "Donald Trump é levado para fora do palco pelo Serviço Secreto durante um comício de campanha na Pensilvânia. Acompanhe as atualizações ao vivo."

CNN @CNN · 13m
JUST IN: Donald Trump is rushed off stage by Secret Service during a campaign rally in Pennsylvania. Follow live updates.

Ver mais no Instagram

2.990 curtidas

kennia.wr

CNN solta manchete sem nenhuma menção à tentativa de assassinato de Donald Trump.

"Donald Trump é levado para fora do palco pelo Serviço Secreto durante um comício de campanha na Pensilvânia. Acompanhe as atualizações ao vivo."

Really? Não há retorno para a CNN

Ver todos os 99 comentários

Adicione um comentário...

Novo boletim sobre o caso da Pensilvânia. Está sentado? Os barulhos ouvidos no estado norte-americano podem ter sido de tiros. Vamos continuar apurando para noticiar tudo com muito cuidado, porque somos contra a violência.

Olha, ainda não sabemos direito que barulhos foram esses, mas parece que alguém caiu de algum lugar. Aqui você saberá a verdade em primeira mão.

Nova atualização sobre o Enigma da Pensilvânia: alguém caiu de um palco. Não se sabe se o que estava acontecendo nesse palco era uma palestra, uma peça de teatro, um show de rock ou um comício. Se era comício já vamos adiantando nossas suspeitas.

Confirmado: os supostos barulhos que talvez lembrassem tiros (que horror!) aconteceram num local onde estava havendo um comício. E a pessoa que caiu do palco, provavelmente depois de alguma estripulia, estava com a orelha vermelha.



Donald Trump, candidato presidencial republicano e ex-presidente dos EUA, é assistido por agentes do Serviço Secreto depois de ser baleado durante um comício em Butler, na Pensilvânia (13/7/2024) | Foto: Reuters/Brendan McDermid

Nova atualização direto da Pensilvânia: o vermelho na tal orelha pode ser alergia ou mordida de mosquito (nossos especialistas alertam que mosquitos gostam muito de orelhas, principalmente ao ar livre). As outras hipóteses para a orelha vermelha são molho de tomate ou batom proveniente de um beijo feminino descuidado.

Apagamos o boletim anterior e pedimos desculpas por insinuar que beijo de batom só pode ser feminino. Todos os gêneros são livres para usar batom. Qualquer maneira de amor vale a pena. Voltaremos a informar em breve sobre o incidente da Pensilvânia.

---

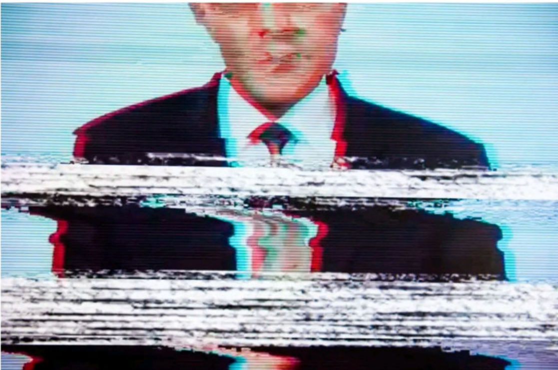
**Trump se assustou, perdeu o equilíbrio por causa da idade avançada e se lambuzou todo de ketchup**

---

Urgente: o sujeito que caiu do palco era Donald Trump. Alguma ele estava aprontando. Especialistas que avaliaram as imagens do tombo trabalham com as hipóteses de assédio ou bebedeira.

Plantão extraordinário: nosso jornalismo-verdade já descobriu tudo. Num comício na Pensilvânia, um apoiador violento de Donald Trump deu tiros para o alto exatamente no momento em que o candidato mordia um cachorro-quente. Trump se assustou, perdeu o equilíbrio por causa da idade avançada e se lambuzou todo de ketchup. Como já alertamos inúmeras vezes, um idoso como Trump deveria parar de inventar moda.

Voltamos agora ao noticiário normal: afiado como uma navalha, Joe Biden acaba de reescrever a Teoria da Relatividade — eliminando uma série de preconceitos que estavam contidos nela — e está iniciando os treinos para correr a Maratona de Nova York. Pesquisas mostram que Biden só perde para a Estátua da Liberdade.


Foto: Shutterstock



Polícia americana mata o atirador que tentou assassinar Donald Trump | Foto: Reprodução/Redes Sociais

| EDIÇÃO 226

# A alegria grotesca da mídia woke com o atentado contra Trump

Jornalistas de esquerda ultrapassaram todos os limites morais ao tratar de uma tentativa de assassinato



BRENDAN O'NEILL, DA SPIKED · 19 JUL 2024

Imagine ser tirado do ar porque seus chefes estão preocupados que você possa se vangloriar de uma tentativa de assassinato. Ao que parece, esse foi o destino dos especialistas do programa de entrevistas *Morning Joe*, da MSNBC. O programa foi tirado do ar após a tentativa de assassinato de Donald Trump, supostamente por medo de que um convidado pudesse fazer um comentário "impróprio" sobre o tiroteio. A informação é da CNN, que relata que a MSNBC suspendeu seu programa mais conhecido, apesar dos recentes eventos "sísmicos", como uma medida preventiva contra a possibilidade de alguém entre "mais de duas dúzias de convidados" dizer algo insano sobre a violência cometida contra Trump.

Se for verdade — não temos motivos para duvidar, uma vez que a mídia esquerdista tem tido muitas conversas "impróprias" sobre a tentativa de assassinato de Trump —, é assustadoramente revelador. É impressionante que uma das principais emissoras liberais dos Estados Unidos, pelo jeito, não possa confiar que seus próprios apresentadores mantenham um tom sóbrio e decente depois da tentativa de assassinato de um ex-presidente. Isso aponta para algo mais do que o problema do "sensacionalismo jornalístico", em que as pessoas dizem coisas ultrajantes para ganhar mais cliques e influência. E mostra algo pior do que o "Transtorno de Desequilíbrio Político" de Trump. Não, a situação mostra que as elites *woke* estão totalmente descoladas das normas da política democrática e que estão adentrando um mundo alternativo de injúrias e vingança.

Não sei de você, mas se fosse impedido de fazer meu trabalho por um dia, supostamente por causa da preocupação de que eu pudesse minimizar, zombar ou justificar a tentativa de assassinato de um ser humano, eu faria uma séria reflexão sobre mim mesmo. Se os chefões da MSNBC de fato ficaram tensos com o *Morning Joe*, sabemos muito bem que tipo de comentário "impróprio" eles temiam. Eles devem ter ficado preocupados com a possibilidade de alguém dizer que "Trump alimentou a violência que se voltou contra ele". Ou que o problema de fato depois do atentado são os "eleitores fanáticos" de Trump, que estão mais convencidos do que nunca de seu "apelo messiânico". Ou que a sobrevivência de Trump a um tiroteio pode, infelizmente, aumentar "seu apelo com o eleitorado negro". Ou que "nada justifica uma tentativa de assassinato, mas" — mas — "será que Trump teve alguma responsabilidade na mudança das regras do jogo?". Eles podem ter ficado com medo de que seus liberais dissessem esse tipo de coisa porque os liberais de outros lugares disseram *exatamente essas coisas*.

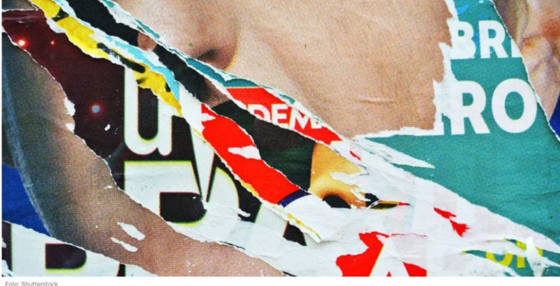


Foto: Shutterstock

### Atrocidade contra a democracia

A cobertura da mídia esquerdista sobre a tentativa de assassinato de um político foi pavorosa. Aconteceram manchetes loucas e imediatas, como "O Serviço Secreto tira Trump do palco depois que ele cai em um comício", da CNN. O que o fez cair? Uma rajada de vento? Talvez tenha sido uma "tentativa de assassinato quase pacífica", como disseram todos os sábios do X. "Trump foi escoltado para fora do palco durante um comício depois que barulhos altos soaram na multidão", noticiou a *Associated Press*. Será que foram fogos de artifício? Um toque de celular irritante? Entendo que os veículos que dão notícias urgentes precisam divulgar as coisas rápido, mas as imagens do rosto ensanguentado de Trump já estavam circulando enquanto essas pessoas falavam sobre "queda" e "barulho". Não conseguiram nem dizer "possível tiroteio"?

Depois, houve a discussão sobre o impulso eleitoral que Trump poderia ter com o fato de ter sido baleado. A *Forbes* publicou uma das colunas mais malucas que já li. "Será que sobreviver a um tiroteio será o próximo apelo de Donald Trump com os eleitores negros?", ela perguntou. A coluna foi escrita por Shaun Harper, um "pesquisador de diversidade, equidade e inclusão". Ele temia que "levar um tiro" pudesse melhorar a situação de Trump entre os afro-americanos, uma vez que "muitos negros (não todos) já passaram por isso". É difícil saber o que é pior: a implicação quase racista de que os negros americanos vão pensar "ele foi baleado, eu também fui" e correr para votar nele, ou se concentrar menos no mal da violência política do que em seus supostos benefícios. Se a sua reação a uma tentativa de assassinato for "que droga, a vítima vai tirar proveito disso", é possível que você tenha perdido a bússola moral.

David Frum entrou em pânico no *Atlantic* e disse que Trump "vai explorar o crime feroz de um atirador" para obter ganhos eleitorais. O *Irish Times* publicou uma denúncia superficial da tentativa de assassinato de Trump — "idiota e errado": bom saber. Mas em seguida disse "vamos ver como ele explora isso". "Esse evento pode muito bem ajudar o ex-presidente a ganhar a Casa Branca em novembro", emendou. Acho que às vezes lemos comentários como esse sem perceber sua frieza, sua pós-moralidade. Em termos simples: se a sua principal preocupação após a tentativa de assassinato de um candidato à Presidência em quem dezenas de milhões de pessoas estão ansiosas para votar é pensar "ah, não, isso pode ajudá-lo", em vez de "ah, não, isso é uma atrocidade contra a democracia", você claramente permitiu que seu pavor em relação a Trump destruísse sua bússola moral.




Ilustração: Shutterstock

### Comparando um assassino com sua caça

O pior de tudo foi a insinuação da mídia liberal e, às vezes, a insistência total de que Trump provocou a tentativa de assassinato contra si mesmo. "Trump alimentou a violência que se voltou contra ele", disse o *Irish Times*. "É possível condenar a violência política e, ainda assim, buscar suas causas subjacentes", afirmou o jornal. Imagine se alguém dissesse isso depois do assassinato de JFK. Ou do assassinato de Jo Cox. O fato de o jornal de referência da Irlanda parecer pensar que pode haver "causas subjacentes" para o ataque violento de um homem perverso não apenas a um indivíduo, mas ao próprio processo democrático, é uma prova do quanto a burguesia ocidental se contagiou pelo "Transtorno de Desequilíbrio Político" de Trump.

> **Ao não condenarem claramente esse ato de selvageria, eles sinalizam que, às vezes, a selvageria é aceitável**

"Nada justifica uma tentativa de assassinato — mas Trump teve um papel na mudança das regras de combate?" Esta pergunta foi feita pela *Sky News*. Esse "mas" será a primeira prova em um futuro julgamento da loucura das elites da mídia. Trump se tornou "uma vítima da violência que ele fez tanto para legitimar", argumentou Fintan O'Toole. E agora seus "devotos fanáticos" vão ficar ainda mais convencidos de seu "apelo messiânico". Vale perguntar o que passa pela cabeça dos arrogantes escribas da imprensa do *establishment* para fazê-los zombar dos "devotos" de Trump apenas alguns dias depois de um deles ser morto e dois ficarem gravemente feridos por causa de um assassino perverso e imprudente.

Para mim, nada captura melhor a ruptura irreversível entre a mídia e a moralidade básica do que a comparação que Frum fez entre Trump e o homem que tentou matá-lo. O "atirador de Trump, em seus extremos opostos da trajetória de uma bala, estão, no entanto, unidos como inimigos comuns da lei e da democracia", escreveu ele. Isso passa do limite. Falar de um assassino e seu alvo na mesma linha, comparar um assassino com sua caça, não enxergar o tamanho do abismo entre um homem que tentou matar um candidato eleitoral e um homem que está concorrendo a uma eleição… isso é mais que uma hipérbole, mais que uma provocação. É uma inversão moral de proporções orwellianas, em que a noite se torna dia, o preto se torna branco, e o atirador é igual ao homem em quem ele atirou.



Thomas Matthew Crooks, responsável pelo ataque ao ex-presidente Donald Trump | Foto: Reprodução/Redes Sociais

### Selvageria aceitável

As consequências do atentado contra Trump nos deram uma imagem sombria da decadência moral de nossos governantes culturais. Desde a discreta alegria com a tentativa de assassinato de Trump até a preocupação de que isso ajude a levá-lo de volta à Casa Branca, eles continuamente colocam seus próprios medos partidaristas mesquinhos acima da clareza moral que o momento exige. Minha pergunta é: se eles conseguem ser tão indiferentes em relação a esse ato de violência, com que outras atrocidades vão ficar tranquilos? Que outro terror eles poderiam justificar, desculpar, alegar que tem "causas subjacentes"? Que nível de assassinato eles estariam dispostos a tolerar para restaurar o que consideram ser seu governo legítimo? Ao não condenarem claramente esse ato de selvageria, eles sinalizam que, às vezes, a selvageria é aceitável. Não é apenas Trump que precisa se preocupar com o fato de que tantas figuras em nossa elite cultural parecem tão insensíveis à brutalidade.

---

***Brendan O'Neill** é repórter-chefe de política da* Spiked *e apresentador do podcast da* Spiked, **The Brendan O'Neill Show**. *Seu novo livro,* **A Heretic's Manifesto: Essays on the Unsayable**, *foi publicado em 2023. Brendan está no Instagram:* **@burntoakboy**



Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha eleitoral presidencial (6/9/2018) | Foto: Reprodução/Redes Sociais

| EDIÇÃO 226

# Ódio é amor

A diversidade de opiniões e de informações dá ao cidadão a oportunidade de buscar a verdade, sem ter que se limitar à narrativa única do monopólio



ALEXANDRE GARCIA • 19 JUL 2024

Os que, por sua natureza ideológica, adoram um regime totalitário, aproveitaram o atentado contra Trump para pregar a censura nas redes sociais. Seriam elas, segundo essa gente, que disseminam o ódio. Lula disse, na TV Record, que é preciso regulamentar as redes, "porque têm lucro com a disseminação do ódio". E que é preciso regulamentá-las para resguardar a democracia e a diversidade que, segundo ele, estão correndo risco.

Ora, é exatamente o inverso, desembaralhando as palavras do presidente: as redes sociais deram voz a cada cidadão. A voz das pessoas só alcançava uns poucos metros. Agora ganhou palanque digital e pode chegar a qualquer lugar do mundo. Como o povo é a origem do poder numa democracia, a origem do poder foi turbinada pelas redes sociais. Logo, as redes sociais, ao contrário do que diz Lula, ampliam, fortalecem a democracia e só oferecem risco para os tiranos. Quanto ao risco para a diversidade, também é preciso desembaralhar. Na verdade o risco é do monopólio, dono da informação, portanto dono dos fatos, podendo apresentá-los como desejar que sejam vistos. Assim, a diversidade de opiniões e de informações dá ao cidadão a oportunidade de buscar a verdade, sem ter que se limitar à narrativa única do monopólio.




Naquele fim de tarde de sábado em que chegou a notícia do atentado contra Trump, postei no X: "Adélio americano". Isso resumia tudo. Candidato forte com adversário fraco, para tirá-lo do rumo à Presidência, só matando. Thomas Crooks e Adélio Bispo; fuzil e faca; Biden e Haddad; Trump e Bolsonaro. O tiro não matou, mas feriu, e o sangue lubrifica as engrenagens da vitória. Gerou a foto icônica, como a de Iwo Jima, com o mesmo simbolismo da bandeira americana. No momento em que vi a foto, também minutos depois do atentado, intuí que seria o mote eleitoral. No 6 de setembro de 2018, a percepção do resultado que viria após a facada é a mesma depois dos tiros na Pensilvânia. Postando para Trump, Bolsonaro resumiu: "Nos vemos na posse".

**Usam muito a palavra "diversidade", mas não suportam a diversidade de ideias. Na verdade, basta um passeio pelas redes para perceber como odeiam a liberdade de expressão**

Os agressores entraram para a história e, ao contrário do que pretendiam, turbinaram os mitos. John Wilkes Booth, com Lincoln; Leon Czolgosz, com McKinley; Lee Harvey Oswald, com Kennedy; John Hinckley, com Reagan; Adélio Bispo, com Bolsonaro; e agora esse Thomas Crooks, com Trump. Assim como o indecifrado Adélio ajudou Bolsonaro, o jovem Crooks antecipa o resultado eleitoral de outubro nos Estados Unidos. Entre os alvos americanos, apenas Kennedy era do Partido Democrata; os demais, republicanos. Agora buscam explicações para tantos erros e omissões do Serviço Secreto que protege autoridades.

A violência — e a justificativa para atos de violência jurídica, inconstitucionais e ilegais — tem uma origem, registrada no editorial publicado no dia seguinte, do *Wall Street Journal*, endossando as palavras do ex-procurador-geral dos Estados Unidos William Barr: "Os democratas têm que parar com essa conversa grosseiramente irresponsável sobre Trump ser uma ameaça existencial à democracia — ele não é". Aqui, inventou-se a narrativa de Bolsonaro golpista, ameaça à democracia. Aí, justificam-se atos que — esses, sim — ameaçam as liberdades, o devido processo legal e o Estado Democrático de Direito.


Thomas Matthew Crooks, responsável pelo ataque ao ex-presidente Donald Trump | Foto: Reprodução/Redes Sociais

O ódio é semeado primeiro nas mentes, nas escolas, nas artes, na propaganda disfarçada de noticiário. Depois as mentes armam as mãos, com faca ou fuzil — ou mesmo com paus e pedras, que também matam. Quem primeiro me alertou para isso foi o então secretário de Imprensa de Geisel, o porta-voz Rubem Ludwig. E naqueles anos 1970 não havia redes sociais, nem sequer celular. Já se usavam filmes, professores, artistas, jornais, revistas, TV, rádio. Em 1949, George Orwell já percebia isso, baseado no regime soviético, e contava o resultado no *1984*.

Hoje acusam o mundo digital, que ampliou a voz de quem tem celular. Tentam calar essa voz porque, assim como querem partido único, também querem uma só voz — a do partido ou da mídia domesticada. Usam muito a palavra "diversidade", mas não suportam a diversidade de ideias. Na verdade, basta um passeio pelas redes para perceber como odeiam a liberdade de expressão. Alguns são diretos, querendo extirpar, matar, prender, calar, esmagar. Outros, querendo ser espertos, ingenuamente usam o amor como disfarce. Eles atualizam a ficção profética de Orwell no seu *1984*. No livro, o Ministério da Verdade estabelece que "Guerra é Paz; Liberdade é Escravidão; Ignorância é Força". Os marqueteiros atuais do "Grande Irmão" acrescentaram "Ódio é Amor", mensagem enganosa embutida todos os dias em todos os meios, até povoar cabeças jovens como a de Tom Crooks, antes que as mãos se armassem. Depois, ele subiu naquele telhado desocupado pelo Serviço Secreto, de onde tinha ampla vista da cabeça de Trump.


Donald Trump é retirado do palco pelo Serviço Secreto dos EUA, logo após tentativa de assassinato | Foto: Reprodução/X



Imagem histórica do fotógrafo Evan Vucci, após a tentativa de assassinato de Donald Trump, é apresentada em uma tela grande no terceiro dia da Convenção Nacional Republicana (RNC), no Fórum Fiserv, em Milwaukee, em Wisconsin (17/7/2024) | Foto: Reuters/Mike Segar

EDIÇÃO 226

# Imagem da Semana: retratos inesquecíveis de uma bandeira

Com o céu azul e a flâmula americana enquadrada ao fundo, a fotografia de Evan Vucci é um flagra indelével de um momento histórico


DANIELA GIORNO • 19 JUL 2024

Inúmeras fotos e vídeos da tentativa de assassinato do ex-presidente Donald Trump — durante um comício de campanha na Pensilvânia, no último sábado, 13 — foram divulgadas e compartilhadas pelo mundo. Uma dessas imagens, contudo, ganhou destaque singular por captar, em uma composição que parecia ser impossível, a tensão exata dos minutos logo depois de uma bala atingir a orelha direita do candidato republicano à presidência dos Estados Unidos. Com o punho cerrado, sangue escorrendo pelo rosto e a bandeira americana emoldurada ao fundo, a fotografia provou seu poder indelével de documentar de maneira icônica um momento histórico.



Capa da revista Time com foto de Evan Vucci retrata o atentado sofrido por Donald Trump durante comício na Pensilvânia | Foto: Reprodução/Time

Matina Stevis-Gridneff @MatinaStevis · Seguir

The pinnacle of photojournalism. A perfectly framed and composed image of historic breaking news. This can never be replaced by AI. Iconic.

Evan Vucci @evanvucci
Republican presidential candidate former President Donald Trump raises his fist as he is rushed off stage after an assassination attempt during a campaign rally in Butler, Pa. @apnews



6:32 AM · 14 de jul de 2024

138 Responder Compartilhar este post

Ler 7 respostas

O *Atlantic* chamou-a de "inegavelmente uma das grandes composições da história fotográfica dos Estados Unidos". A jornalista sênior do jornal *The New York Times*, Matina Stevis-Gridneff, disse ser "o auge do fotojornalismo. Uma imagem perfeitamente enquadrada e composta de notícias históricas de última hora. Isso nunca pode ser substituído pela IA. Icônico".

Evan Vucci, fotógrafo da *Associated Press*, correu para perto do palco assim que ouviu os barulhos de tiros. Estava bem posicionado e agiu rapidamente. Conseguiu captar um ângulo que coloca Trump no ponto alto e focal da imagem, de forma que a multidão de espectadores confusos, posicionados atrás do candidato, deixa de ser um ruído entre os elementos que compõem a foto e permite que entre em cena a bandeira americana tremulando no céu azul. Ele alcança, assim, um enquadramento fantástico.

Em uma entrevista para a *Time*, Vucci disse: "Na minha mente começo a pensar: como ele vai sair daqui? Para onde eles vão levá-lo? O que eles vão fazer? Ele finalmente se levanta, e eu sabia que eles iriam tirá-lo pelo outro lado do palco, então corri para lá. Você só pensa: 'Ok, qual é minha composição? De onde vem a luz? Minha exposição está boa? Preciso me mover para a direita? Preciso me mover para a esquerda?'. Porque você precisa conseguir ver o rosto dele. Quando ele começou a levantar o punho, fiquei surpreso. Aí vi o sangue no rosto dele. E então eu soube. Quando vi isso, eu sabia que tinha pelo menos uma imagem de notícia. Eu sabia que tinha algo. Então me senti bem. Pelo menos algo estava na sacola".

Para Patrick Witty, ex-editor de fotos da *Time*, *The New York Times* e *National Geographic*, a foto de Vucci "captura uma gama de detalhes e emoções complexas em uma imagem estática — o punho desafiadoramente erguido, o sangue, os agentes clamando para empurrar Trump para fora do palco e, mais importante, a bandeira. É isso que eleva a foto".

A bandeira americana é o grande diferencial na fotografia de Vucci, justamente por carregar um valor simbólico. De maneira geral, a bandeira de um país tem capacidade de provocar emoções, de representar a vontade popular, a coletividade, o orgulho cívico, mesmo que inconsciente. É um ícone visual que desempenha um papel crucial na identidade de um povo.

As bandeiras já foram muitas vezes capturadas pelas lentes em momentos marcantes —tanto de comemoração como de tensão — ao longo da história. Várias se tornaram icônicas.

As duas imagens mais famosas da Segunda Guerra Mundial estão relacionadas a bandeiras. A primeira, tirada por Joe Rosenthal em fevereiro de 1945, mostra fuzileiros posicionando a bandeira norte-americana no topo do Monte Suribachi, em Iwo Jima, uma das batalhas fundamentais para a derrota do Japão. A outra, capturada por Yevgueni Jaldéi em 2 de maio de 1945, retrata soldados do Exército Vermelho içando a bandeira soviética sobre o Reichstag de Berlim, nos estertores finais do nazismo.


Fuzileiros no topo do Monte Suribachi, em Iwo Jima, no Japão (1945) | Foto: Joe Rosenthal/Domínio Público/Wikimedia Commons

O içamento da bandeira comunista no telhado do Reichstag, sede do Parlamento alemão, em Berlim (1º/5/1945) | Foto: Yevgeny Khaldei

Confira outras imagens históricas em que a bandeira está em destaque.

J&L Historical @Jason_R_Burt · Seguir

In January of 1944, men of the 1st Marine Division display Japanese battle flags captured during the fighting on Cape Gloucester.



1:22 PM · 22 de mai de 2023

1,1 mil Responder Compartilhar este post

Ler 34 respostas


Estados Unidos comemoram o fim da Segunda Guerra Mundial no VJ Day, na Times Square, em Nova York (15/8/1945) | Foto: Reprodução


Multidão reunida em Whitehall para ouvir o discurso de Churchill, durante as celebrações do Dia da Vitória, em Londres, na Inglaterra (8/5/1945) | Foto: Wikimedia Commons


Neil Armstrong, junto com Buzz Aldrin, plantou a bandeira americana na Lua. Na foto icônica, Aldrin aparece ao lado da bandeira (20/7/1969) | Foto: Reprodução/Nasa


*The Soiling of Old Glory*: o fotógrafo americano Stanley Forman, do Boston Herald, retratou o momento em que um manifestante branco, Joseph Rakes, usa uma bandeira americana para atacar Theodore Landsmark, um advogado afro-americano que se dirigia a uma reunião na prefeitura próxima (1976) | Foto: Reprodução/Stanley Forman/Boston Herald American

Picryl @getarchive · Seguir

Today in 1963 Dr. Martin Luther King Jr delivered his "I Have a Dream" speech in front of 200,000 people #Onthisday



12:10 PM · 28 de ago de 2016

9 Responder Compartilhar este post

Leia mais no X


Fotografia de Thomas E. Franklin, do jornal The Record, de Nova Jersey, retrata três bombeiros hasteando a bandeira dos EUA no Marco Zero, durante o atentado às Torres Gêmeas (11/9/2001). | Foto: Wikimedia Commons/Thomas E. Franklin

*Daniela Giorno é diretora de arte de* **Oeste** *e, a cada edição, seleciona uma imagem relevante na semana. São fotografias esteticamente interessantes, clássicas ou que simplesmente merecem ser vistas, revistas ou conhecidas.*



Daniel Silveira | Foto: Montagem Revista Oeste/Câmara dos Deputados/Shutterstock

EDIÇÃO 226

# Abandonado na prisão

Daniel Silveira segue preso há exatos 880 dias, mesmo tendo sido indultado por Bolsonaro



CRISTYAN COSTA - 19 JUL 2024

Habituado ao conforto de uma ampla casa de campo rodeada de árvores em Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, o ex-deputado federal Daniel Silveira agora tem de dividir uma cela apertada com outras três pessoas em Bangu 8, que, tempos atrás, era visitada por ratos. Ali, precisa acordar cedo todos os dias, tomar banhos frios e usar o banheiro comunitário com os demais colegas de cárcere.

Os compromissos da intensa agenda no Congresso Nacional, que previam idas a encontros partidários e sessões alongadas no plenário da Câmara, foram substituídos por banhos de sol entediantes com detentos comuns vagando sem rumo de um lado para outro, exercícios físicos constantes e trabalho como faxineiro em unidades do presídio. As horas vagas que passavam rápido quando as dedicava à família agora percorrem lentamente os ponteiros de um relógio branco no alto da entrada da biblioteca do presídio, onde Silveira devora vários livros para evitar enlouquecer e conseguir reduzir a pena "malhando o cérebro".

Caso queira comer algo diferente do alimento frio e de má qualidade do presídio, Silveira tem de esperar a chegada de um *kit* enviado pela família, com algumas guloseimas que incluem bolachas e pudim, o que nem sempre é possível. Isso porque o dinheiro é curto, e o trajeto que separa a casa onde ele morava do presídio onde está é de mais ou menos três horas. Essas dificuldades se repetem quando é necessário enviar itens de higiene pessoal e roupas limpas.

A maioria das informações que consegue do mundo aqui fora chega por meio da defesa e de seus parentes. Por isso, não é incomum Silveira ficar surpreso com as "novidades" que recebe de notícias que já envelheceram na semana anterior. Os diálogos com os parceiros de cela giram em torno do que fazer quando sair dali, política e assuntos banais do dia a dia. A nova realidade monótona do ex-deputado se repete há angustiantes 880 dias.

Do lado de fora, a mulher, Paola, e as duas filhas do ex-deputado, uma de 8 anos e outra de 23, vivem com o dinheiro proveniente de doações, em virtude dos sucessivos bloqueios judiciais do patrimônio do casal, avaliado em aproximadamente R$ 500 mil. Os recursos que recebem de terceiros servem para comprar alimentos e bancar as despesas básicas do imóvel, que é alugado, como água e luz. Advogada, Paola nem sequer tem os instrumentos para trabalhar adequadamente, visto que, durante uma operação da Polícia Federal (PF), os agentes levaram seu *laptop* e celular, com dados pessoais e inúmeros arquivos que a ajudavam a desempenhar seu ofício com os clientes.

O inferno vivido por Silveira e sua família começou a arder ainda mais depois de o Supremo Tribunal Federal (STF) ter anulado um indulto que o ex-deputado recebera, em 2022, do então presidente Jair Bolsonaro, um dia depois de ter sido condenado pelo STF a oito anos e nove meses, por ofensas que proferiu contra os juízes da Corte. No ano anterior, Silveira insultou os integrantes do tribunal em uma *live* na internet.

Segundo o advogado Paulo Faria, que atua na defesa do ex-deputado, Silveira está na cadeia 82 dias além do prazo para ter acesso ao regime semiaberto. De acordo com Faria, "sem fundamento jurídico", Moraes decidiu que a progressão se dará quando Silveira alcançar 25% da pena em regime fechado, apesar de o próprio gabinete do juiz do STF ter declarado o contrário ao expressar, em várias ocasiões, que o porcentual exato do benefício era de 16%.

Tampouco o apelo da mãe do ex-deputado, dona Matildes, foi capaz de abalar as estruturas do STF. "Acredito veementemente que ele já entendeu que errou, pois conheço meu filho como a palma de minha mão e peço ao senhor ministro que venha a se despir da figura de juiz e leia esta carta como um filho e também como pai, que acaba sendo um pouco de 'mãe'", escreveu ela. "A falta de urbanidade, o desrespeito e deselegância que ele se dirigiu aos ministros desta corte não condiz com os ensinamentos familiares que foram passados a ele. Me sinto envergonhada, mas afirmo que não se repetirá, pois me encarregarei pessoalmente de cuidar deste assunto."

## Violações e arbitrariedades

O caso de Silveira é marcado por abusos desde o primeiro dia. Na noite de 16 de fevereiro de 2021, o então deputado federal foi detido em flagrante pela PF, no Rio, por causa de um vídeo gravado horas antes, no qual também defendeu a volta do Ato Institucional nº 5. Na decisão, Moraes ressaltou a importância de "medidas energéticas para impedir a perpetuação da atuação criminosa do parlamentar visando lesar ou expor a perigo de lesão a independência dos Poderes" — Silveira estava inserido no âmbito do Inquérito das *Fake News* desde 2019. No dia seguinte, o plenário da Corte referendou o mandado.



Ministro Alexandre de Moraes, do STF | Foto: Rosinei Coutinho/SCO/STF

O ato ocorreu mesmo estando Silveira protegido pelo artigo 53 da Constituição, dispositivo que trata da imunidade parlamentar. De acordo com o texto, congressistas são invioláveis por opiniões, palavras e votos. Além disso, seria competência da Câmara, e não do STF, decidir se o vídeo serviria como motivo para afastamento ou cassação na Comissão de Ética. Mesmo com todas essas salvaguardas jurídicas, a Casa se acovardou perante Moraes e, três dias após a canetada do juiz do STF, decidiu referendar a prisão ilegal de Silveira, por 364 votos a 130, abrindo precedente para que outros possam também sofrer punições parecidas.

A meia liberdade viria só em novembro daquele ano. Isso porque Moraes proibiu Silveira de usar redes sociais e falar com outros investigados pelo inquérito. Em março, uma nova determinação: o uso de tornozeleira eletrônica, por suposto descumprimento da cautelar anterior. Depois de Silveira se recusar a cumprir a ordem, Moraes enviou a PF às dependências da Câmara para instalar o equipamento. O então deputado subiu à tribuna e disse que o ministro era "um sujeito medíocre", que "desonra o STF". Depois, passou a noite acampado no gabinete — aliados o ajudaram com colchão e travesseiro.

"Aceito a imposição quando os deputados decidirem se ela deve ou não ser aplicada", avisou Silveira. "Não se deve abrir um precedente contra o Legislativo." Paralelamente, a bancada evangélica cobrou do presidente da Câmara, Arthur Lira, que pautasse uma votação em plenário sobre a imposição da tornozeleira e ressaltasse a independência dos Poderes. Lira lavou as mãos e só assegurou que Silveira não seria preso dentro da Casa. O juiz do STF reiterou a ordem e o ameaçou com uma multa diária de R$ 15 mil, desconto no contracheque e bloqueio das contas bancárias. Encurralado financeiramente e sem o respaldo do comando da Câmara, o deputado prometeu acatar a decisão. "Não tenho caixinha de corrupção, não tenho secretaria, não tenho carguinho aqui e acolá, então é o meu salário", disse. "Quem vai pagar a multa diária para mim?"



Polícia Federal coloca a tornozeleira eletrônica em Daniel Silveira | Foto: Reprodução

No dia seguinte, contudo, Silveira apareceu sem a tornozeleira em um evento de despedida dos ministros no Palácio do Planalto, o que causou alvoroço no consórcio de imprensa. Ao longo daquela semana, publicações sobre o caso nem sequer se referiam a ele como deputado, mas, sim, como "bolsonarista". Colunistas do portal UOL e do jornal *O Globo* defenderam a condenação à prisão do "valentão discípulo de Bolsonaro que desrespeitou o STF".

Moraes ficou furioso ao ver imagens de Silveira na TV, sentado na primeira fila do salão, sem a tornozeleira. Em novo despacho, fixou horário e estabeleceu que o equipamento deveria ser colocado na sede da PF. Silveira cumpriu a ordem horas depois. "É preciso avaliar a necessidade ou não da utilização humilhante de tornozeleira por um deputado federal, que é um representante do povo brasileiro, e é necessário que se pense no contexto", disse o ex-ministro do STF Marco Aurélio Mello. "Para mim, esse ato deveria ter sido submetido à Câmara dos Deputados."

## Condenação, indulto e abandono no cárcere

Em abril, o STF condenou Silveira, por maioria, a oito anos e nove meses de cadeia, além de cassar os direitos políticos dele. Vinte e quatro horas depois, contudo, Bolsonaro concedeu ao ex-deputado um indulto, prontamente encarado pela Corte como uma forma de desafiá-la. Com a derrota do presidente para Lula, na eleição daquele ano, o STF anulou a graça, em maio de 2023. Após 13 dias, quando acabou efetivamente o mandato de Silveira, Moraes determinou o imediato cumprimento da pena. Daquele dia em diante, Silveira teve uma série de pedidos negados pelo reator, entre eles inúmeros recursos — que renderam uma sucessão de multas ao advogado de defesa — e mais de 30 solicitações de progressão de pena.

Em um dos processos, Moraes tampouco poupou a defesa da cruzada contra Silveira ao ordenar ao advogado o pagamento de R$ 4 mil de multa. Tempos depois, mandou-o desembolsar mais R$ 2 mil, por "excesso de recursos". Noutra ocasião, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, sugeriu à Ordem dos Advogados do Brasil que investigasse Faria por suposta falta de decoro nas ações que apresentou ao STF. Na sequência das arbitrariedades cometidas pelo PGR e pelo ministro, Moraes foi além e mandou o advogado se retratar do que seriam "palavras indecorosas" e que insultariam o Poder Judiciário.



Daniel Silveira | Foto: Reprodução/Câmara dos Deputados

Nesse período, Silveira também acumulou uma quantidade absurda de multas, por suposto desrespeito às medidas cautelares — mesmo durante a vigência do indulto —, que somam quase R$ 4 milhões. Sem dinheiro, Silveira e Paola iniciaram uma "vaquinha" nas redes sociais para arrecadar recursos até que o ex-deputado possa ser libertado.

O ex-deputado recebe apenas visitas da mulher e de Faria. Por meio deles, tem enviado cartas a fim de denunciar a situação que vive. Em uma delas, elogiou a postura da Assembleia Legislativa do Espírito Santo, que soltou o deputado estadual Capitão Assumção (PL) à revelia de Moraes, e citou o Parlamento dos Estados Unidos. "Até mesmo o Congresso norte-americano já está prestes a colher depoimentos de pessoas exiladas e perseguidas no Brasil", disse Silveira. "Temos jornalistas exilados, deputado federal preso por palavras, manifestantes presos aos milhares e uma polícia sendo usada como brinquedo para sádicos." O ex-deputado cobrou de seus colegas "medidas capazes de frear abusos" vindos do Poder Judiciário, sob o risco de o Congresso se tornar uma repartição de fachada. O recado serve tanto para os parlamentares que querem se reeleger em 2026 quanto para os que querem fazer parte do Legislativo.



Bruno Dantas, ministro e presidente do Tribunal de Contas da União (TCU) | Foto: Reprodução/TCU

EDIÇÃO 226

# O balcão de acordos do TCU

Criado para fiscalizar e aplicar multas, o Tribunal de Contas da União passou a servir como uma mão amiga a unir interesses públicos e privados

REDAÇÃO OESTE · 19 JUL 2024

Segundo o site do Tribunal de Contas da União (TCU), entre as atribuições do órgão estão: "apreciar as contas anuais do presidente da República"; "julgar as contas dos administradores e demais responsáveis por dinheiros, bens e valores públicos"; "realizar inspeções e auditorias por iniciativa própria ou por solicitação do Congresso Nacional"; e "fiscalizar a aplicação de recursos da União repassados a estados, ao Distrito Federal e a municípios".

Agora, como mostra uma reportagem escrita por Breno Pires e publicada na edição 214 da *Revista Piauí*, o TCU se deu uma nova incumbência — inexistente na Constituição ou em qualquer documento que explica as funções do tribunal. Batizado de Secretaria de Controle Externo de Solução Consensual e Prevenção de Conflitos, esse recém-criado setor do TCU funciona como uma espécie de balcão de mediação de acordos entre governo e empresas — muitas das quais envolvidas em casos de corrupção, inclusive da Lava Jato.




Depois de quatro meses de investigação, que resultaram num texto com mais de 10 mil palavras, a *Piauí* detalhou como o órgão criado para fiscalizar e aplicar multas passou a servir como uma mão amiga a unir interesses públicos e privados. Os acordos bilionários são negociados sob a tutela de Bruno Dantas, presidente do TCU. Até agora, a secretaria recebeu 28 pedidos de conciliação. Cinco foram aceitos, quatro foram rejeitados, e não houve acordo em três deles. Restam 16 na mesa. Os vídeos com as sessões foram retirados do YouTube a pedido de Dantas.

A reportagem da *Piauí* começa descrevendo um evento promovido pela Esfera Brasil, "o grupo de *lobby* mais influente da atualidade" — informa a revista —, fundado por João Camargo, presidente da CNN Brasil e sogro de Bruno Dantas. Ao som de Carlinhos Brown, que comandou o show de encerramento, reuniram-se num *resort* no Guarujá, além do presidente do TCU e de Camargo, o banqueiro André Esteves, do BTG Pactual, Rubens Menin, fundador da construtora MRV, Wesley Batista, dono da JBS, e Rubens Ometto, proprietário da Cosan e maior doador de campanhas nas eleições de 2022, entre outros empresários. Do lado do setor público estavam presentes Aloizio Mercadante, presidente do BNDES, e os ministros Renan Filho, dos Transportes, Alexandre Silveira, de Minas e Energia, Ricardo Lewandowski, da Justiça, e Miriam Belchior, a ministra em exercício da Casa Civil.




Acordos bilionários são negociados sob a tutela de Bruno Dantas, presidente do TCU | Foto: Divulgação/TCU

"Depois de dois dias de debates públicos e conversas ao pé do ouvido, havia uma atmosfera de dever cumprido", observa a reportagem da *Piauí*. "Era sábado, 8 de junho de 2024. Hotel Jequitimar Resort & SPA, no Guarujá, 15 horas. O encontro — a 1.000 quilômetros de Brasília — era mais uma extensão festiva do congraçamento entre o poder público e o PIB, mas reunia algumas das figuras centrais de um fenômeno muito peculiar e pouco visível: a onda de renegociações de contratos e concessões que vem sendo promovida pelo TCU, sob as diretrizes do governo Lula. São repactuações nos setores de aeroportos, rodovias, ferrovias, telefonia e energia. O palco onde essas negociações acontecem é uma nova unidade do tribunal, criada em dezembro de 2022 por iniciativa de Bruno Dantas. A secretaria — cujo nome oficial é Secretaria de Controle Externo de Solução Consensual e Prevenção de Conflitos (SecexConsenso) — fica no quarto andar do Anexo 3 do TCU, mas as reuniões acontecem no Instituto Serzedello Corrêa, uma espécie de universidade do tribunal. Ali, representantes de empresários, governo e agências reguladoras discutem, alteram e selam acordos bilionários sob as bênçãos do TCU."

Entre os casos em discussão na SecexConsenso está, por exemplo, o da Oi, empresa de telefonia em sua segunda recuperação judicial. E o da Rumo, de Rubens Ometto, que detém a concessão de mais de 2 mil quilômetros da ferrovia Malha Paulista, da Rede Ferroviária Federal. A empresa "conseguiu um acordo para evitar que o descumprimento de suas obrigações de investimento resultasse na cassação da concessão", informa a *Piauí*. "Um terceiro grupo prestes a fechar sua renegociação é a J&F, *holding* dos irmãos Joesley e Wesley Batista, cuja empresa Âmbar Energia, além do prazo, descumpriu outras cláusulas essenciais do acordo."




Oi, empresa de telefonia em sua segunda recuperação judicial | Foto: Divulgação

A reportagem pondera que "soluções consensuais podem ser uma boa alternativa para resolver entraves em contratos públicos — poupam tempo, eliminam etapas burocráticas e otimizam o uso do dinheiro público, além de evitar intermináveis brigas na Justiça". As complicações começam, contudo, com a própria existência de uma secretaria criada para fazer mediação em um tribunal cuja função é fiscalizar. "São funções aparentemente conflitantes", constata a revista. "Afinal, o órgão que fiscaliza, aplica multa, zela pelos cofres públicos e pela boa política da administração pública talvez não deva servir simultaneamente como a mão amiga a unir interesses públicos e privados."

O outro aspecto delicado, segundo a *Piauí*, é que as renegociações estão fazendo bem mais do que simplesmente reajustar o equilíbrio econômico-financeiro dos contratos. "Há acordos em negociação que reabilitam concessionárias que haviam desistido do negócio — como é o caso das concessionárias dos aeroportos de Viracopos, em Campinas, e do Galeão, no Rio de Janeiro", afirma o texto. "Outras descumpriram obrigações contratuais, acumularam dívidas com a União e seguem inadimplentes, como a ViaBahia, a concessionária de duas rodovias que já deu tanto problema que o então ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, definiu-a como 'a pior do Brasil'."

Em outros casos, o governo renova vínculos com empresas envolvidas em corrupção, "inclusive no âmbito da Operação Lava Jato, como a CCR, que enfrentou acusações de corrupção, suborno e doações ilegais de campanha, e hoje controla as concessionárias de trechos da rodovia BR-163, em Mato Grosso do Sul", destaca a *Piauí*. "Outra é a Eco101, que pertence à EcoRodovias e foi flagrada em esquemas de corrupção que envolviam justamente a concessão de rodovias. Superfaturava os pedágios usando orçamentos falsos, segundo as investigações policiais."




Eco101, que pertence à EcoRodovias e foi flagrada em esquemas de corrupção que envolviam justamente a concessão de rodovias | Foto: Shutterstock

### O poderoso chefão

De acordo com a reportagem, a mecânica da SecexConsenso pode ser resumida assim: todo o poder ao presidente do TCU. "Só o governo ou uma agência reguladora têm a prerrogativa de pedir uma solução consensual para um determinado caso", explica o texto. "A empresa envolvida não pode fazer a solicitação, mas sempre terá a liberdade de levar seu pleito ao governo ou à agência reguladora, que, se concordarem, encaminham o caso ao tribunal. Ao receber os pedidos, a SecexConsenso faz uma análise prévia e envia a solicitação ao presidente do tribunal. E aí surge a primeira estranheza: quem decide se o caso será admitido ou recusado é o presidente do TCU — Bruno Dantas, no caso. A norma interna, em seu artigo 5º, diz que, caso o presidente recuse o pedido, 'o processo será arquivado'. Isso significa que o presidente, sozinho, escolhe o que pode ser objeto de consenso no TCU. E, como tudo é sigiloso, os demais ministros podem até desconhecer que chegou um pedido à Corte."

Todo o esquema envolve muitos amigos do rei e pouca transparência, ressalta a reportagem. Quando o caso da Oi chegou à Corte, por exemplo, havia quatro ministros do TCU lidando com diversos processos que tratam de telefonia. Em vez de fazer um sorteio de quem seria o relator do caso entre os quatro, Dantas preferiu entregar o assunto nas mãos do ministro Jorge Oliveira, seu aliado. "Justificou sua decisão com aquele tipo de palavreado que pode justificar qualquer decisão: 'Ao analisar o grau de conexão de cada um dos processos, bem como a relevância e potencial impacto de cada um deles no deslinde dos presentes autos, considero pertinente a atribuição da relatoria deste processo ao ministro Jorge Oliveira'", expõe o texto. "Até o fechamento desta edição, havia 12 processos na SecexConsenso com relatores definidos. Em quatro, os relatores foram sorteados. Nos outros oito, foram escolhidos por Dantas."

Teoricamente, nenhuma dessas atitudes envolvendo o TCU e a SecexConsenso pode ser classificada como uma ilegalidade. Mas, como muitas coisas no governo Lula, as imoralidades são evidentes.



O presidente, sozinho, escolhe o que pode ser objeto de consenso no TCU | Foto: Divulgação/TCU


Entre em nosso grupo no Telegram: t.me/CLUBEDEREVISTAS
Entre em nosso grupo no Telegram: t.me/CLUBEDEREVISTAS

Foto: Shutterstock

Entre em nosso grupo no Telegram: t.me/CLUBEDEREVISTAS
| EDIÇÃO 226

# O lawfare alexandrino

O ministro tem encarado as instituições de Estado como uma extensão de seus desejos pessoais, e quem se colocar no caminho será perseguido


RODRIGO CONSTANTINO - 19 JUL 2024

Entre em nosso grupo no Telegram: t.me/CLUBEDEREVISTAS

Enquanto o ministro Alexandre de Moraes retira o sigilo dos áudios da reunião de Bolsonaro com Ramagem, provavelmente supondo que o público acreditaria na narrativa da imprensa de que havia algum crime cometido ali, as imagens da suposta agressão sofrida pelo ministro no Aeroporto de Roma seguem trancadas a sete chaves. Nesta semana o caso voltou às páginas dos jornais, pois a Procuradoria-Geral da República (PGR) resolveu denunciar por calúnia e injúria os brasileiros que teriam hostilizado o ministro.

Entre em nosso grupo no Telegram: t.me/CLUBEDEREVISTAS

É importante aqui resgatar a cronologia dos fatos. O ministro Alexandre de Moraes teria sido ofendido e agredido no Aeroporto de Roma em julho de 2023 pelo casal Mantovani. O ministro acionou a Polícia Federal, e os supostos agressores foram detidos quando desembarcaram no Brasil, já uma reação um tanto descabida numa democracia com império das leis. O pesquisador de Direito da FGV Enio Viterbo fez uma sequência de tuítes para explicar o absurdo da coisa.




O caso inexplicavelmente passou a correr no STF e houve autorização do relator para busca e apreensão na residência e no carro dos suspeitos. A tentativa inicial da PF era atribuir o crime de "tentativa de abolição do Estado de Direito" ao casal e relacioná-los com o 8 de janeiro. Assumindo que de fato houve a tal agressão verbal, nunca comprovada, fica a constatação esdrúxula de que xingar um ministro supremo agora é tentar derrubar o Estado de Direito no país!

A velha imprensa embarcou nessa, e o *Globo* fez pior: publicou um desenho em quadrinhos de como teria ocorrido o episódio, tomando a valor de face, como se fato fosse, a versão do ministro. No desenho, o filho de Alexandre parece ter uns dez anos a menos, leva um tapa no rosto, e seus óculos voam longe. Desnecessário dizer o óbvio, mas a animação do jornal não substitui a verdade, obtida apenas com análise das imagens reais, que nunca foram disponibilizadas, apesar de pedido da família envolvida.


O GLOBO | Política

Agressão a Moraes: ilustrações mostram como foi o ataque em aeroporto de Roma, segundo relato do ministro do STF

Magistrado conta que seu filho de 27 anos* chegou a levar um tapa no rosto

Por O Globo
18/07/2023 04h30 · Atualizado há um ano

Notícia publicada no jornal O Globo (18/7/2023) | Foto: Reprodução/O Globo

Não encontraram nada nos equipamentos e documentos dos suspeitos que pudesse fazer uma conexão com os inquéritos do 8 de janeiro, por sua vez já abusivos e ilegais, sem foro adequado, para dizer o mínimo. Chegaram a juntar conversas entre o advogado e os suspeitos que estavam em celular apreendido, o que se configura "prova ilícita". Nada de material, porém. A solução, então, era pegar as imagens do aeroporto...

As imagens do aeroporto foram primeiro analisadas pelas autoridades italianas e depois enviadas ao Brasil. A filmagem não tem som. O ministro relator do caso, Dias Toffoli, proibiu que o vídeo fosse copiado ou retirado do STF para perícia externa. A PF produziu um "laudo" no qual afirmava que o filho do ministro sofreu uma "injúria real" (espécie de agressão). Pela óbvia falta de imparcialidade da PF, que tem agido como uma espécie de polícia política, a Associação Nacional de Peritos Criminais Federais (APCF) criticou publicamente a medida por meio de uma nota.


Alexandre de Moraes e Dias Toffoli, ministros do STF | Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

A imprensa disse que a PF teria feito chegar ao presidente da APCF que eles estariam "ajudando os agressores", e posteriormente o próprio presidente da APCF sofreu um processo administrativo na PF.

Alguns poderiam dizer que foi uma clara perseguição ao crítico da investigação. O laudo não gerou nenhuma conclusão sobre os xingamentos, pois as imagens não tinham som. Daí que no relatório final da PF apenas um dos envolvidos foi acusado de "injúria real", por supostamente ter dado um tapa nos óculos do filho do ministro.

A imprensa, que tem atuado como assessoria suprema, vaza a informação de que o ministro Alexandre teria ficado irritado com a conclusão do relatório. Eis que o novo PGR, indicado por pressão de Moraes, determina que fossem realizadas "novas diligências" pela PF. Nenhuma nova diligência é feita, mas os suspeitos pedem que o vídeo seja periciado para ver quem agrediu quem. Daí vem um novo relatório, de outro policial federal, dizendo que houve calúnia e injúria e que isso pode ser visto pelas "expressões corporais" no vídeo. "Empresário parece ter batido no filho de ministro", diz chamada no *Globo*. Parece?


Paulo Gonet, procurador-geral da República, e Alexandre de Moraes se cumprimentam na última sessão do TSE, em 2023 | Foto: Alejandro Zambrana/Secom/TSE

Agora a PGR apresenta denúncia contra os envolvidos por calúnia, injúria e injúria real. Como não existe gravação das acusações, a denúncia se baseia no depoimento do ministro e sua família. O que Alexandre diz vira automaticamente verdade incontestável. Além disso, não existe uma linha na denúncia que justifique a competência do STF para o caso. Viterbo explica: "A falta de competência é tamanha, que um dos crimes citados, a injúria real, teria sido cometido contra o filho do ministro. O filho do ministro não tem foro privilegiado e o suposto agressor também não. As testemunhas citadas na denúncia são... a esposa e as filhas de Moraes".

**Alexandre mobilizou PF e PGR para se vingar de alguém que teve, ao que tudo indica, um entrevero com seu filho num aeroporto**

Se isso não parece coisa de republiqueta das bananas, onde o ditador se confunde com a própria Justiça, não sei com o que mais pode parecer. Está claro que houve inúmeras irregularidades nesse caso, que as instituições de Estado estão a serviço de um indivíduo, e que isso é justamente o oposto de Estado de Direito. No fundo todo mundo sabe do que se trata, mas muitos juristas ainda temem dizer o óbvio, sem falar da vergonhosa OAB. É puro *lawfare* alexandrino. O ministro tem encarado as instituições de Estado como uma extensão de seus desejos pessoais, e quem se colocar no caminho será perseguido.

Temos vários casos para ilustrar isso, como a prisão ilegal de Filipe Martins, os presos políticos do 8 de janeiro etc. Mas talvez nenhum deles expresse com tanta perfeição a confusão entre público e privado como o da família Mantovani. Alexandre mobilizou PF e PGR para se vingar de alguém que teve, ao que tudo indica, um entrevero com seu filho num aeroporto. E cabe perguntar, aliás: onde estão as imagens?



Foto: Shutterstock

| EDIÇÃO 226

# Nunca lhe prometi a Floresta Amazônica — Parte 1

Crianças estão sendo aterrorizadas para acreditar num dogma sem nenhuma base científica



ROBERTO MOTTA • 19 JUL 2024

Aconteceu aqui no Rio de Janeiro com um de meus amigos. Sua filha, que tem 10 anos de idade e está matriculada em uma das melhores escolas bilíngues da cidade, contou ao pai que o homem está destruindo as florestas tropicais e que os animaizinhos estão morrendo, depois disso os homens irão morrer e o mundo acabará. Era o que ela havia aprendido na aula.

*O mundo vai acabar*. Quem ensina isso a uma criança de 10 anos de idade?

Foi a pergunta que meu amigo me fez. Recomendei que conversasse com pais de colegas da filha. Ele conversou e sua preocupação aumentou.

Pais relataram que, durante férias em uma praia, o filho perguntava constantemente quando a maré iria subir. Logo perceberam o que se passava: o filho estava com medo de um tsunami, tema apresentado na escola. Meu amigo ouviu o mesmo relato de duas famílias que não se conheciam.

Há algo muito errado quando assuntos como esses são apresentados a crianças de forma a causar desconforto, medo e ansiedade. A natureza tem infinitas maravilhas, cuja contemplação eleva o espírito e enriquece a mente. Por que falar só de problemas e apresentá-los sempre da pior forma possível, pintando cenários catastróficos que não resistem a um breve exame da realidade?

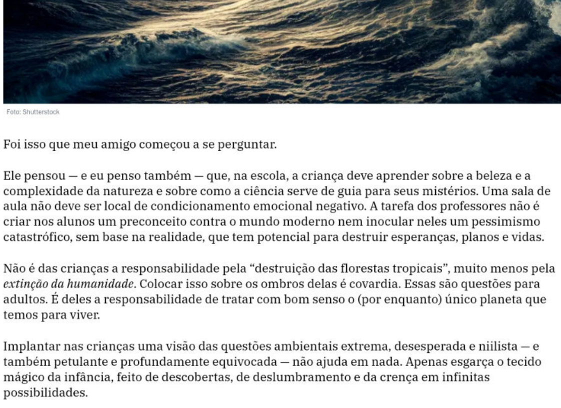


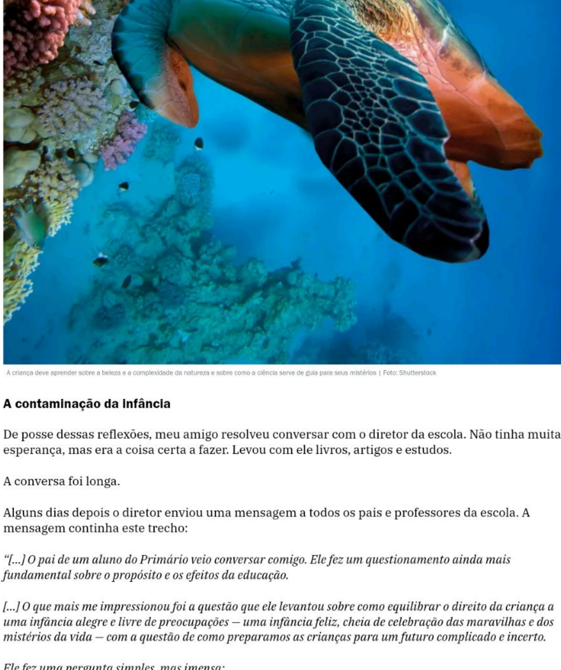
Foto: Shutterstock

Foi isso que meu amigo começou a se perguntar.

Ele pensou — e eu penso também — que, na escola, a criança deve aprender sobre a beleza e a complexidade da natureza e sobre como a ciência serve de guia para seus mistérios. Uma sala de aula não deve ser local de condicionamento emocional negativo. A tarefa dos professores não é criar nos alunos um preconceito contra o mundo moderno nem inocular neles um pessimismo catastrófico, sem base na realidade, que tem potencial para destruir esperanças, planos e vidas.

Não é das crianças a responsabilidade pela "destruição das florestas tropicais", muito menos pela *extinção da humanidade*. Colocar isso sobre os ombros delas é covardia. Essas são questões para adultos. É deles a responsabilidade de tratar com bom senso o (por enquanto) único planeta que temos para viver.

Implantar nas crianças uma visão das questões ambientais extrema, desesperada e niilista — e também petulante e profundamente equivocada — não ajuda em nada. Apenas esgarça o tecido mágico da infância, feito de descobertas, de deslumbramento e da crença em infinitas possibilidades.



A criança deve aprender sobre a beleza e a complexidade da natureza e sobre como a ciência serve de guia para seus mistérios | Foto: Shutterstock

### A contaminação da infância

De posse dessas reflexões, meu amigo resolveu conversar com o diretor da escola. Não tinha muita esperança, mas era a coisa certa a fazer. Levou com ele livros, artigos e estudos.

A conversa foi longa.

Alguns dias depois o diretor enviou uma mensagem a todos os pais e professores da escola. A mensagem continha este trecho:

*"[...] O pai de um aluno do Primário veio conversar comigo. Ele fez um questionamento ainda mais fundamental sobre o propósito e os efeitos da educação.*

*[...] O que mais me impressionou foi a questão que ele levantou sobre como equilibrar o direito da criança a uma infância alegre e livre de preocupações — uma infância feliz, cheia de celebração das maravilhas e dos mistérios da vida — com a questão de como preparamos as crianças para um futuro complicado e incerto.*

*Ele fez uma pergunta simples, mas imensa:*

*'A que devemos dar mais atenção: à maravilhosa glória e beleza natural da floresta tropical, ou às imagens da destruição da floresta tropical num discurso sombrio sobre a ameaça potencial ao meio ambiente global — expresso em um pessimismo tipicamente adulto sobre o seu futuro global?'*

*Ele sente, e eu concordei com ele, que existe um perigo real de que as nossas mentes adultas preocupadas, e cada vez mais sombrias, estejam em risco de contaminar aquela rara alegria, liberdade e esperança que é a infância.*

*E digo, no entanto, que nós, enquanto professores, temos a responsabilidade de educar e preparar os nossos filhos para a realidade que existe além da escola.*

*Como chegamos a um equilíbrio? O que é melhor para os nossos — seus — filhos?"*

Os espectadores do meu podcast *Meia Hora com Motta* costumam enviar e-mails nos quais compartilham suas ideias e experiências. No final de 2023 recebi a seguinte mensagem de um pai:

*"Caro Roberto,*

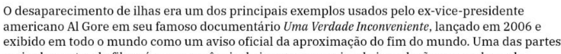
*Minhas filhas estudaram em um famoso colégio no bairro do Butantã, aqui em São Paulo. Nele elas aprenderam a ser totalmente contra o petróleo e o uso de carros particulares. Elas acreditam que a Amazônia acabou, que o mundo está cada vez mais quente e que os fazendeiros são extremamente maus, por isso não devemos consumir carne.*

*Provavelmente não terei netos, porque no colégio elas aprenderam que a terra está superpovoada e por isso não devem ter filhos."*

### Medo e ansiedade para bilhões

Em junho de 2015 a CNN publicou um artigo com o título **"Você Está Fazendo Essa Ilha Desaparecer"**. A matéria, de autoria de John D. Sutter, começava afirmando:

*"Esta é uma das injustiças mais evidentes produzidas pelas alterações climáticas: as Ilhas Marshall provavelmente não existirão se elevarmos a temperatura do planeta em 2 graus. Viajei para um local remoto do Oceano Pacífico para entender como lidar com essa previsão do Juízo Final. E para entender por que algumas pessoas já estão tomando a dolorosa decisão de partir."*



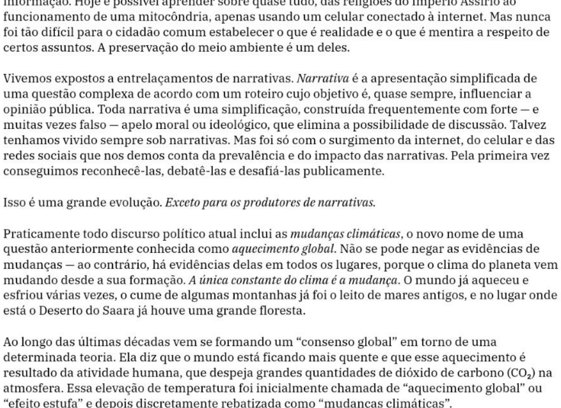

Em junho de 2015, a CNN publicou um artigo com o título "Você Está Fazendo Essa Ilha Desaparecer", de autoria de John D. Sutter | Foto: Reprodução/Redes Sociais

Milhares de artigos semelhantes a esse foram publicados nas últimas décadas, todos afirmando que as "mudanças climáticas" e a elevação do nível do mar destruiriam ilhas e atóis. Ouvi conhecidos falarem em vender imóveis em bairros litorâneos do Rio e se mudar para as montanhas, porque "todas as cidades do litoral ficarão embaixo d'água".

Mas, **como aponta o jornalista Michael Shellenberger** em seu livro *Apocalipse Nunca*, já faz vários anos que os cientistas sabem que as ilhas e atóis não mostram nenhum sinal generalizado de desestabilização devido ao aumento do nível do mar. Na verdade, **um estudo de 2018** comprovou que 89% das ilhas ficaram estáveis ou tinham aumentado de tamanho.

**Vivemos expostos a entrelaçamentos de narrativas. Narrativa é a apresentação simplificada de uma questão complexa de acordo com um roteiro cujo objetivo é, quase sempre, influenciar a opinião pública**

O desaparecimento de ilhas era um dos principais exemplos usados pelo ex-vice-presidente americano Al Gore em seu famoso documentário *Uma Verdade Inconveniente*, lançado em 2006 e exibido em todo o mundo com um aviso oficial da aproximação do fim do mundo. Uma das partes mais chocantes do filme é uma sequência de imagens que simula inundações causadas pelo aumento do nível do mar em ilhas dos oceanos Pacífico e Índico. O filme foi tomado como a mais científica e precisa expressão da realidade. Foi visto por bilhões de pessoas em todo o mundo, produzindo medo e ansiedade, especialmente em crianças e jovens.




### A única constante do clima

É preciso recuar alguns passos para entender o que está acontecendo. Nunca tivemos tanta informação. Hoje é possível aprender sobre quase tudo, das religiões do Império Assírio ao funcionamento de uma mitocôndria, apenas usando um celular conectado à internet. Mas nunca foi tão difícil para o cidadão comum estabelecer o que é realidade e o que é mentira a respeito de certos assuntos. A preservação do meio ambiente é um deles.

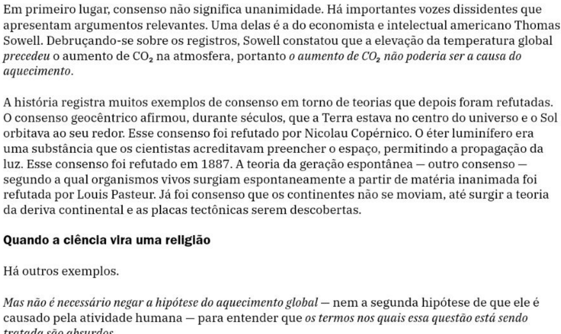
Vivemos expostos a entrelaçamentos de narrativas. *Narrativa* é a apresentação simplificada de uma questão complexa de acordo com um roteiro cujo objetivo é, quase sempre, influenciar a opinião pública. Toda narrativa é uma simplificação, construída frequentemente com forte — e muitas vezes falso — apelo moral ou ideológico, que elimina a possibilidade de discussão. Talvez tenhamos vivido sempre sob narrativas. Mas foi só com o surgimento da internet, do celular e das redes sociais que nos demos conta da prevalência e do impacto das narrativas. Pela primeira vez conseguimos reconhecê-las, debatê-las e desafiá-las publicamente.

Isso é uma grande evolução. *Exceto para os produtores de narrativas.*

Praticamente todo discurso político atual inclui as *mudanças climáticas*, o novo nome de uma questão anteriormente conhecida como *aquecimento global*. Não se pode negar as evidências de mudanças — ao contrário, há evidências delas em todos os lugares, porque o clima do planeta vem mudando desde a sua formação. *A única constante do clima é a mudança*. O mundo já aqueceu e esfriou várias vezes, o cume de algumas montanhas já foi o leito de mares antigos, e no lugar onde está o Deserto do Saara já houve uma grande floresta.

Ao longo das últimas décadas vem se formando um "consenso global" em torno de uma determinada teoria. Ela diz que o mundo está ficando mais quente e que esse aquecimento é resultado da atividade humana, que despeja grandes quantidades de dióxido de carbono ($CO_2$) na atmosfera. Essa elevação de temperatura foi inicialmente chamada de "aquecimento global" ou "efeito estufa" e depois discretamente rebatizada como "mudanças climáticas".

A nova denominação tem uma vantagem evidente: qualquer alteração no clima pode agora ser apresentada como comprovação da teoria.




Praticamente todo discurso político atual inclui as mudanças climáticas, o novo nome de uma questão anteriormente conhecida como aquecimento global | Foto: Shutterstock

### A falsa certeza dos consensos

Há várias questões que devem ser examinadas com inteligência, bom senso e sobriedade.

Em primeiro lugar, consenso não significa unanimidade. Há importantes vozes dissidentes que apresentam argumentos relevantes. Uma delas é a do economista e intelectual americano Thomas Sowell. Debruçando-se sobre os registros, Sowell constatou que a elevação da temperatura global *precedeu* o aumento de $CO_2$ na atmosfera, portanto *o aumento de $CO_2$ não poderia ser a causa do aquecimento*.

A história registra muitos exemplos de consenso em torno de teorias que depois foram refutadas. O consenso geocêntrico afirmou, durante séculos, que a Terra estava no centro do universo e o Sol orbitava ao seu redor. Esse consenso foi refutado por Nicolau Copérnico. O éter luminífero era uma substância que os cientistas acreditavam preencher o espaço, permitindo a propagação da luz. Esse consenso foi refutado em 1887. A teoria da geração espontânea — outro consenso — segundo a qual organismos vivos surgiam espontaneamente a partir de matéria inanimada foi refutada por Louis Pasteur. Já foi consenso que os continentes não se moviam, até surgir a teoria da deriva continental e as placas tectônicas serem descobertas.

### Quando a ciência vira uma religião

Há outros exemplos.

*Mas não é necessário negar a hipótese do aquecimento global* — nem a segunda hipótese de que ele é causado pela atividade humana — para entender que *os termos nos quais essa questão está sendo tratada são absurdos*.

A ciência é feita de refutações. É assim que ela avança. Segundo Karl Popper, uma das características essenciais de uma hipótese científica é a sua refutabilidade (*falseability*). Ou seja: é preciso que exista a possibilidade de provar que a hipótese é falsa. Se uma ideia é apresentada como verdade absoluta e seus contestadores são demonizados, atacados moralmente ou até ameaçados, ela deixa de ser uma teoria científica e passa a ser um dogma, uma ideologia, uma religião.

É o caso da "teoria" das *mudanças climáticas*.

Quando eu era jovem a grande ameaça à humanidade era um buraco na camada de ozônio. Ele permitiria a passagem de raios ultravioleta que dizimariam a vida na Terra. A mídia repetiu essa previsão durante décadas. De repente tudo mudou, o tal buraco sumiu e, no lugar dele, entrou o aquecimento, resultado do efeito estufa criado pelo $CO_2$ que aprisiona o calor do sol na atmosfera.

Os jornais e a TV passaram a explicar em detalhes como esse tal efeito estufa funcionava. Parecia fazer sentido, e nós esquecemos o tão perigoso buraco no ozônio.

Quando a teoria do "aquecimento global" foi transmutada em "mudanças climáticas", qualquer evento meteorológico passou a servir como evidência confirmadora. *Inclusive esfriamento.* Inclusive nevascas. Inclusive invernos excepcionalmente frios. Mas o problema do mundo não era o aquecimento? Os especialistas rapidamente elaboraram raciocínios para explicar que *o esfriamento fazia parte do fenômeno de aquecimento*. Ninguém seguia muito bem essa lógica, claro. Ninguém entendia nada. Mas eram os *especialistas* falando. Você vai discutir com um especialista?

Não é preciso ser *especialista climático* para participar desse debate. Bastam bom senso, domínio de um mínimo de lógica e conhecimento básico de história e ciência. Mas o debate sobre o suposto "aquecimento global" foi completamente interditado. A proposição de que o mundo está esquentando como resultado da ação humana, e de que esse aquecimento terá consequências catastróficas, não admite contestação.

Isso é tudo, menos ciência.

Foto: Shutterstock




Fernando Haddad, ministro da Fazenda, é alvo de memes na internet | Montagem: Revista Oeste/Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil



EDIÇÃO 226

# E o governo ainda reclama dos memes?

Lula 3 é um governo baseado em um presidente que não sai do palanque, não governa sob a realidade, vive de devaneios políticos e ideias empoeiradas e atropela sua equipe econômica



ADALBERTO PIOTTO · 19 JUL 2024

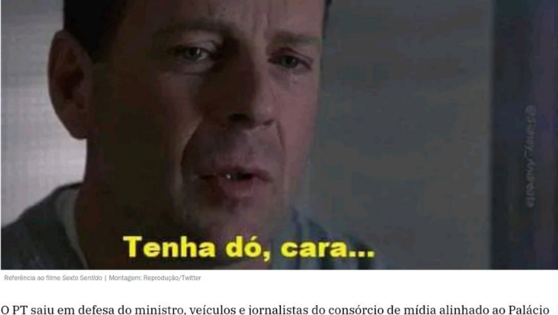


Com pouco mais de 18 meses no poder, o governo Lula 3 não dá trégua à fixação arrecadatória que o norteia desde a proclamação do resultado da eleição, em outubro de 2022. No início desta semana, no dia 15 de julho, o ministro Alexandre Padilha, das Relações Institucionais, voltou a defender o aumento da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) para compensar a desoneração. Não é disco arranhado. É o governo Lula falando de novo em aumentar impostos para fechar a conta. Até o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, quase um aliado de primeira hora, é contra a ideia.



Em meio a tudo isso, há uma preocupação com a imagem do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, personagem principal da profusão de memes irônicos que tomou conta das redes sociais e da imprensa, em alusão à ineficiente política econômica do governo associada ao aumento de impostos sem a contrapartida de responsabilidade com os gastos.




Referência ao filme *Sexto Sentido* | Montagem: Reprodução/Twitter

O PT saiu em defesa do ministro, veículos e jornalistas do consórcio de mídia alinhado ao Palácio do Planalto tentaram minimizar a repercussão, mas quando uma política econômica cai na joça com tanta força é difícil mudar a opinião pública. Ainda mais se os fatos que deveriam desmentir a versão irônica das políticas adotadas na economia vão no sentido de justificar a piada e até o codinome do ministro. Um sonoro trocadilho de Haddad por "Taxxad" já alimenta o debate informal há tempos. A sequência era previsível e veio com a inspiração em nomes de filmes, séries e programas populares de TV para a comparação jocosa: "Taxando na chuva", "Rombo, programado para taxar", "O taxador do futuro", "Corra que a taxa vem aí", "Taxando o pobre adoidado", "A taxa é nossa", "Stallone Cobra imposto", "Rombocop, o taxador sem futuro" e "Zé do Taxão" foram apenas alguns voltados paro o público adulto. Mas os memes também se preocuparam com a longevidade da brincadeira e a inclusão do público infantil com a criação da "Taxinha Pintadinha", "Meu imposto favorito" e "Taxati Taxalá".




Referência à dupla de animação infantil Patati Patatá | Montagem: Reprodução/Twitter

Uma piada, um meme ou uma graça raramente vêm antes do fato. Seria contraproducente para a lógica do humor, que requer amplo conhecimento de algo para permitir a ironia com grande adesão e compreensão popular. A ridicularização da política de Haddad e de Lula foi baseada em fatos reais. E esses fatos, com os quais o governo realmente deveria se preocupar, não têm graça nenhuma para a vida do país e dos brasileiros.

Vejamos a situação da dívida pública, por exemplo. Os números são eloquentes: só nos primeiros 14 meses da gestão, o governo somou à dívida bruta mais de R$ 1 trilhão. Nos números mais recentes, dos 12 meses até maio, o déficit se manteve no mesmo patamar: R$ 1,06 trilhão. É gasto comparável ao da pandemia de covid-19, mas sem pandemia. Como justificar? A relação dívida/PIB é outro ponto de muita preocupação. No final de 2022, último ano do governo de Jair Bolsonaro, o Brasil reduziu a dívida pública ao equivalente a 71,7% do PIB, depois de herdar 75,3% de Michel Temer, em 2018. Até aqui, sem justificável melhora da qualidade de vida brasileira, o governo Lula 3 continua aumentando os gastos. Com seu inequívoco estilo perdulário de ser, fez a relação entre a dívida pública e o produto interno bruto, medida inconteste de solvência de países em desenvolvimento, saltar para 76,8%, até agora. Os dados são do relatório do Banco Central e referentes a maio deste ano. A estimativa oficial do Ministério da Fazenda é que a dívida chegue a 79,1% do PIB, em 2027. Para analistas de mercado, se o gasto continuar descontrolado e a economia não reagir fortemente, pode chegar a 90,1% da relação dívida/PIB em 2028.

Perceba que o meme do "rombo" se justifica em números oficiais. A população enxerga isso com clareza. Faz piada porque ainda não se cobra imposto sobre gargalhada, mas sabe que o assunto é muito sério.




Referência ao filme *Rambo: Programado Para Matar* | Montagem: Reprodução/Twitter

Recentemente, embora a equipe econômica tenha tentado mudar a narrativa ao apresentar um plano de corte nos gastos de R$ 25 bilhões e eventuais contingenciamentos, Lula é incorrigível. Na terça, dia 16, depois da insistência de aumento da CSLL de um ministro no dia anterior e uma calmaria de semanas porque falou menos sobre economia, jogou tudo fora em entrevista à TV Record. Aos jornalistas da emissora, o presidente disse que ainda precisa ser "convencido" a cortar despesas e que "não é obrigado" a cumprir metas fiscais, as mesmas metas que o seu governo colocou no arcabouço fiscal e que já havia afrouxado diante de gastos incontrolados. Ou seja, fez tudo ao contrário do que havia prometido o ministro Fernando Haddad, a quem coube passar pano uma vez mais e chamar as declarações de Lula, seu chefe, de "descontextualizadas". Não foram, sabemos nós e os criadores de memes.

Fato é que essa realidade de bagunça e desorganização institucional atrasa o país. Lula 3 é um governo baseado em um presidente que não sai do palanque, não governa sob a realidade, vive de devaneios políticos e ideias empoeiradas e ineficientes do século passado e atropela sua equipe econômica, de aparente reduzido respeito interno, no pouco que ela tenta controlar as contas do país.

**Embora a reforma tributária estivesse parada há décadas no Congresso com a necessidade de simplificar o pagamento de tributos a empresas e pessoas físicas, fazê-la neste momento, com um governo perdulário, tem-se revelado uma temeridade**

Como reclamar dos memes de rombo fiscal e da sanha arrecadatória de impostos e taxas num governo que só faz aumentar os gastos para pagar uma conta que não fecha nunca?



Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Haddad | Foto: José Cruz/Agência Brasil

Até aqui, acumulam-se a taxação das "blusinhas da Shein", a volta da cobrança do DPVAT, a mudança pró-governo na composição do Carf (que decide contendas tributárias), a tentativa de reoneração da folha de pagamentos no tapetão do STF — depois de perder a votação no Congresso e que segue sem solução —, a emenda fura-teto aprovada ainda no final de 2022, além de várias outras medidas para fazer crescer a arrecadação porque Lula dizia que o orçamento de Bolsonaro era irreal. Na verdade, era responsável com o Brasil.

Até mesmo a reforma tributária, que ainda depende de regulamentação no Senado, promete ter a maior ou a segunda maior alíquota de IVA do mundo, entre 26,5% e 28%, se não se contiverem as exceções, os privilégios e o gasto crescente. E está sendo feita antes de uma reforma administrativa, que nos daria o custo total do Estado, que, no caso de Lula 3, só aumenta. Embora a reforma tributária estivesse parada há décadas no Congresso com a necessidade de simplificar o pagamento de tributos a empresas e pessoas físicas, fazê-la neste momento, com um governo perdulário, tem-se revelado uma temeridade.

Os memes que expõem ao ridículo a política econômica de Lula 3 e de sua equipe econômica, que o governo e seus aliados na mídia tentam desmerecer, não são o problema deste país, convenhamos. Na cultura brasileira, o humor oscila entre ser ferramenta de protesto crítico e anestésico diante das dores provocadas pelo lulopetismo.




Referência à animação da DreamWorks Madagascar | Montagem: Reprodução/Twitter

Mas, se o governo olhar com alguma honestidade para o que tem feito e desfeito, corrigir o rumo caótico, não haverá motivos para críticas sérias ou bem-humoradas que tanto o incomodam. E, principalmente, não haverá necessidade de anestesia para nós, os brasileiros.

Confira a seguir outros memes publicados nas redes sociais (*clique sobre cada foto para ampliar*).





Foto: Montagem Revista Oeste/Shutterstock

Entre em nosso grupo no Telegram: t.me/CLUBEDEREVISTAS

| EDIÇÃO 226

# Reforma ou furor arrecadador?

Tudo em nome de um projeto político totalitário de poder a ser executado em consonância com a agenda globalista



UBIRATAN JORGE IORIO - 19 JUL 2024

Entre em nosso grupo no Telegram: t.me/CLUBEDEREVISTAS

A reforma tributária recentemente aprovada a toque de caixa pela Câmara mediante expedientes nada recomendáveis — como, por exemplo, o de entregar aos deputados, minutos antes da votação e, portanto, sem tempo para a devida leitura, um calhamaço repleto de emendas — representa um enorme retrocesso diante das reais necessidades do país e será certamente mais um peso a ser suportado por quem produz e trabalha. Apesar dos esforços da extrema imprensa para fazer parecer que é um avanço e que simplifica o sistema tributário, é incontestável que a proposta e as emendas sugeridas são passíveis de muitas críticas, desde as puramente técnicas até as de natureza política e filosófica. Neste artigo, vou me ocupar mais das últimas que, a meu ver, são as mais importantes, uma vez que mostram que, no fundo, o que está em jogo é a liberdade dos brasileiros — e a liberdade é um bem precioso demais, de que não podemos abrir mão, nem que seja de um simples milímetro.

Antes de qualquer outra coisa, onde já se viu fazer uma reforma tributária sem antes fazer uma reforma administrativa? Como saber de quanto dinheiro você vai precisar para alimentar um animal de estimação, sem saber se o bicho é um gatinho ou um tigrão? Que tipo de Estado os pagadores de impostos vão ser obrigados a sustentar? Um enxuto, que se limite a atividades essenciais, ou outro que seja uma coleção pavorosa de adiposidades, como o que povoa as cabeças rupestres dos integrantes do atual governo? Um que seja desenhado — como deve ser — para servir aos cidadãos ou outro usado para servir-se deles sem um pingo de vergonha e, mais do que isso, para escravizá-los com um projeto totalitário populista?



Ilustração: Shutterstock

A verdade é que essa reforma conjuga apenas um verbo em todos os modos e tempos: "arrecadar". A ideia é tomar dinheiro dos "contribuintes", um eufemismo despudorado usado para descrever quem arca com os impostos. O propósito, puro e simples, é taxar, tributar, tarifar, coletar, criar imposto, elevar alíquotas, onerar, cobrar, porque do outro lado do balanço que precisa necessariamente ser fechado a ordem desavergonhada é gastar, esbanjar, dissipar, desperdiçar, torrar, malbaratar. Tudo isso em nome de um projeto político totalitário de poder a ser executado em consonância com a agenda globalista, que subtrai a liberdade das pessoas e as coloca a serviço do Estado e dos donos do planeta.

A reforma, tal como se apresenta antes de ser analisada no Senado, é uma proposta de aventura autoritária, que não leva em consideração, já nem digo, por óbvio, os empecilhos sobre a ação humana individual, mas as necessidades específicas de cada região do país e sua enorme diversidade, típicas de um território continental. Só nos resta esperar os senhores senadores enxergarem o atraso que essa aventura imporá ao Brasil e a rejeitarem — bem, reconheço que estou deixando o realismo de lado e sonhando um pouco.

Nunca é demais lembrar que a ação humana que movimenta as atividades econômicas é um processo ininterrupto e atomizado, formado por um número extraordinariamente grande de escolhas individuais, muitas das quais com componentes fortes de subjetividade, que se processam em cada um dos 5.570 municípios que compõem o Brasil. Essa ação acontece, mais do que dentro de cada um desses municípios, em cada escritório, fábrica, fazenda, galpão, sala, rua, quarto, praça, em cada cabeça, enfim. Ora, não é preciso ser nenhum gênio para perceber que esse dado irreversível da vida real não combina com modelos centralizados.



Foto: Shutterstock

A ser aprovado definitivamente o estrupício que a Câmara produziu, os prefeitos (e, também, os governadores) perderão os recursos tributários, e o sistema federativo vai, simplesmente, para o espaço. Quem vai definir para onde vão os recursos arrecadados é, simplesmente, um órgão central (Conselho Federativo), o que remonta, incrivelmente, à velha União Soviética, com todos os problemas que isso significa, da ineficiência econômica e administrativa à concessão de benesses para aliados políticos e aos maiores incentivos para atos de corrupção. É indesculpável que ainda haja quem acredite nesse tipo de governança centralizada, depois de um século de fracassos.

Quem conhece a mentalidade dos atuais governantes não terá nenhuma dificuldade para antecipar como deverá ser a composição desse Conselho Federativo: sindicalistas, grandes empresários amigos do governo, ONGs, "entidades", artistas, líderes de "minorias" e demais "representantes da sociedade civil". E igualmente também se pode antever facilmente em que acarretará o poder discricionário desse conselho stalinista que vai administrar a parcela da tributação que caberá a municípios e Estados. O que será da vida dos prefeitos? Como serão suas relações com os membros desse Conselhão? Pode-se imaginar o que vai rolar, não?

Alguns tópicos da aberração que foi enviada ao Senado chamam a atenção. Primeiro, a indefinição sobre o patamar de cobrança dos dois impostos que futuramente vão absorver cinco dos hoje existentes: a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) e o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS). A fase de transição da reforma tributária prevê um inacreditável "período de testes" para ir calibrando as alíquotas. Claro, as cobaias serão os pagadores.




Foto: Shutterstock

Segundo, por que cargas d'água tributar menos itens da cesta básica, se o objetivo declarado estrepitosamente pelo governo é "ajudar os pobres"? Por que simplesmente não isentar todos os produtos? Aliás, a própria definição do que é e do que não é "básico" é necessariamente arbitrária, porque os consumidores têm preferências diferentes. A propósito, já que eles falam tanto em governar para os pobres, não cabe perguntar por que terminaram com a isenção das compras internacionais de até US$ 50, as famosas "blusinhas"?

O terceiro tópico é o do *cashback*: ora, francamente, se o governo reconhece que vai ter que devolver amanhã os impostos cobrados a mais no consumo às famílias com renda de até meio salário mínimo (cerca de R$ 700) por pessoa, por que então cobrar hoje? O racional não seria simplesmente não cobrar, para não ter que devolver? Além disso, por que R$ 700, e não qualquer outro valor? Que precisão "científica" é essa? E, ainda, em se tratando do furor arrecadador do governo atual, não parece plausível apostar que o *cashback* vai ficar só no *cash*, sem o *back*?

Em quarto lugar, temos o "imposto do pecado" (imposto seletivo), bem ao sabor da agenda globalista. A prática de desestimular o consumo de bens que "fazem mal" à saúde e ao meio ambiente não é nova, mas vem sendo utilizada arbitrária e desmesuradamente, principalmente na Europa, para atender à agenda política "progressista" da ONU e dos que se acham donos do mundo. Como se sabe, os agricultores da zona da União Europeia vêm protestando há meses contra esse tipo de interferência. Querem trazer isso para cá?




Protesto de agricultores contra pressões de preços, impostos e regulamentação verde, queixas compartilhadas por agricultores de toda a Europa, em Barcelona, na Espanha (7/2/2024) | Foto: Reuters/Nacho Doce

Não é difícil prever que o impacto sobre as pequenas e médias empresas do novo furdunço tributário será devastador, uma vez que essas empresas, que são o coração da nossa economia, terão pela frente uma carga ainda maior e isso, como se sabe, asfixia a inovação, o empreendedorismo e o livre mercado. O sistema penalizará mais do que o atual quem trabalha e produz e não tem cacife para fazer *lobbies* como as grandes corporações, especialmente as que são comandadas por amigos e amigos de amigos dos que estão no poder.

É também bem perceptível que a barafunda tributária vai provocar um crescimento do setor público *vis-à-vis* o privado, na contramão do que a economia do país precisa; que vai prejudicar a empregabilidade; que vai ser um estorvo sobre o setor de serviços; que os profissionais liberais, como médicos, contadores, advogados, dentistas, economistas e outros, deverão pagar o dobro do que atualmente pagam de impostos; e que, ao fim e ao cabo, a classe média será a mais penalizada.

**O país urge por uma reforma que simplifique de verdade, sem retórica, mas categórica, que distribua da maneira mais justa possível o peso dos tributos e que respeite verdadeiramente a autonomia dos entes federativos**

Há, ainda, um aspecto muito importante a ser ressaltado, que é o da convivência de dois sistemas tributários até o ano de 2032. É vão o esforço dos veículos de comunicação para levar a crer que teremos uma simplificação do sistema. Isso não é verdade, pois as empresas precisarão manter seu atual mecanismo de controle juntamente com o novo regime, ou seja, ao manicômio tributário já existente a proposta do governo acrescenta um novo hospício, repleto de artigos e disposições, o que acarretará com toda a certeza para as empresas a necessidade de aumentar os departamentos especializados em impostos.



Ilustração: Shutterstock

Portanto, para manter os dois sistemas juntos até 2032, a vida das empresas — que, em termos tributários, já há muito tempo não tem sido fácil — será ainda mais difícil. Como disse recentemente o querido amigo Ives Gandra da Silva Martins: "Estou falando do mandato do atual presidente, daquele que vai substituí-lo de 2027 a 2030 e do outro que presidirá o Brasil a partir de 2030. Durante todo esse tempo teremos os dois sistemas juntos. Alerto, pois, para a insegurança jurídica que tudo isso trará".

Essa duplicação manicomial que estão chamando de reforma tributária não reforma coisa nenhuma; antes, deforma o que já é disforme e desfigura o que já é distorcido há muitos anos. É um erro monumental, muito malconcebida, confusa, pessimamente executada e revela enorme ignorância e desdém pela realidade econômica, cultural e social do Brasil. O país urge por uma reforma que simplifique de verdade, sem retórica, mas categórica, que distribua da maneira mais justa possível o peso dos tributos e que respeite verdadeiramente a autonomia dos entes federativos, vale dizer, que leve em consideração o federalismo e a subsidiariedade. Caso contrário, o máximo que se poderá dizer a partir de 2032 é que se trocou o velho manicômio tributário por um mais novo.

***Ubiratan Jorge Iorio*** *é economista, professor e escritor.*
***Instagram:*** ***@ubiratanjorgeiorio***
***Rede X:*** ***@biraiorio***






Foto: Shutterstock



EDIÇÃO 226

# Mercado imobiliário a todo vapor

O setor de eletrônicos, eletrodomésticos e portáteis também tem o que comemorar


CARLO CAUTI · 19 JUL 2024



As vendas de novos imóveis residenciais estão indo de vento em popa. Segundo dados da Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc), no acumulado dos últimos 12 meses até abril foram vendidos quase 180 mil imóveis. Uma alta de cerca de 44%.

O maior aumento na quantidade de unidades vendidas foi nos empreendimentos do Minha Casa, Minha Vida (MCMV), que subiram 57%, para 130 mil imóveis.



No segmento de médio e alto padrão a alta foi de aproximadamente 14%, chegando a 45 mil unidades.

## Mais vendas, preços mais altos

Além do número de imóveis vendidos, o valor das vendas também subiu.

No caso do Minha Casa, Minha Vida, a alta foi de 65%, enquanto no segmento de média e alta renda esse aumento foi de 28%.

O volume de lançamentos cresceu 16% no âmbito do programa Minha Casa, Minha Vida, mas recuou 7% no segmento de médio e alto padrão, totalizando 131 mil unidades.

***

## Eletroeletrônicos também comemoram

O mercado de eletrônicos, eletrodomésticos e portáteis também está vivendo um ótimo momento. Entre *janeiro* e junho as vendas bateram recordes, com 51,5 milhões de unidades vendidas, 34% acima do mesmo período do ano passado.

Segundo dados da Eletros, associação dos fabricantes do setor, a redução da taxa básica de juros depois de agosto de 2023 ajudou o mercado.

Todavia, para a entidade não há expectativa de manutenção desses patamares de crescimento no segundo semestre.

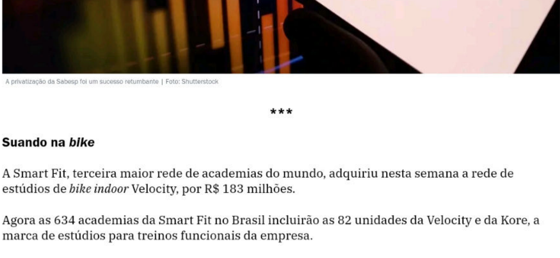
***

## Todo o mundo quer a Sabesp

A privatização da Sabesp foi um sucesso retumbante. A oferta de ações da empresa registrou uma demanda de R$ 187 bilhões, a maior demanda institucional da história.

Os investidores estrangeiros responderam por cerca de 53% da demanda, que atraiu no total ordens de 310 investidores institucionais.

A demanda foi 13 vezes maior do que a oferta, com um ganho para os cofres públicos do Estado de São Paulo de R$ 15 bilhões.




A privatização da Sabesp foi um sucesso retumbante | Foto: Shutterstock

***

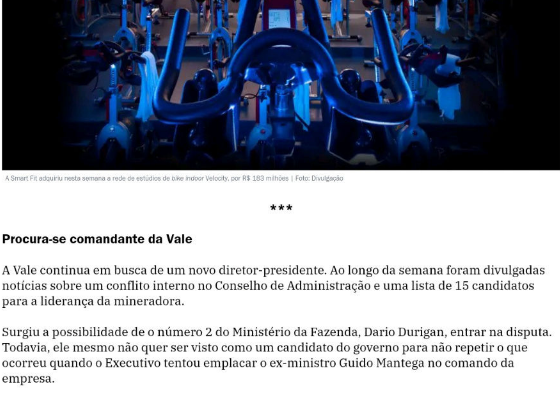
## Suando na *bike*

A Smart Fit, terceira maior rede de academias do mundo, adquiriu nesta semana a rede de estúdios de *bike indoor* Velocity, por R$ 183 milhões.

Agora as 634 academias da Smart Fit no Brasil incluirão as 82 unidades da Velocity e da Kore, a marca de estúdios para treinos funcionais da empresa.

A aquisição faz parte da estratégia da Smart Fit de completar seu portfólio na vertical dedicada a estúdios que já possui as marcas Race Bootcamp, de corrida *indoor* e treinos funcionais; Vidya, de *hot yoga*; Jab House, de boxe; Tonus Gym, de musculação; e One Pilates.

A Smart Fit conta com quase 1.470 unidades em 15 países, e um faturamento de R$ 1,3 bilhões, alta de 28% na comparação anual.




A Smart Fit adquiriu nesta semana a rede de estúdios de *bike indoor* Velocity, por R$ 183 milhões | Foto: Divulgação

***

## Procura-se comandante da Vale

A Vale continua em busca de um novo diretor-presidente. Ao longo da semana foram divulgadas notícias sobre um conflito interno no Conselho de Administração e uma lista de 15 candidatos para a liderança da mineradora.

Surgiu a possibilidade de o número 2 do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, entrar na disputa. Todavia, ele mesmo não quer ser visto como um candidato do governo para não repetir o que ocorreu quando o Executivo tentou emplacar o ex-ministro Guido Mantega no comando da empresa.

Durigan é membro do Conselho de Administração da Vale e preside o Conselho do Banco do Brasil.

***

## Destino: EUA

No primeiro semestre de 2024, os Estados Unidos se destacaram como o principal destino das exportações brasileiras.

Segundo o Monitor do Comércio Brasil-EUA, da Amcham Brasil, o Brasil exportou o valor recorde de US$ 19 bilhões para os Estados Unidos nos primeiros seis meses do ano. Uma alta de 12% em relação ao mesmo período do ano anterior.

O crescimento foi observado em todos os setores, incluindo indústria de transformação, extrativa e agropecuária. Os bens industriais, em particular, foram 29% do total do aumento das exportações brasileiras.



Brasil exportou o valor recorde de US$ 19 bilhões para os Estados Unidos nos primeiros seis meses do ano | Foto: Shutterstock

***

## Ninguém acredita na alíquota do governo

A alíquota de 26,5% no IVA dual, prevista na reforma tributária, cuja regulamentação acaba de ser aprovada pela Câmara dos Deputados, não convence ninguém.

Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o aumento da lista de bens e serviços com reduções ou isenções na regulamentação da reforma tributária pode levar a alíquota ao nível de 28%.

O texto aprovado pela Câmara ampliou o desconto para uma série de medicamentos, incluiu carnes na cesta básica com imposto zero e reduziu em 40% as alíquotas para operações com bens imóveis.

***

## Custo dos imóveis vai subir

Segundo a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), a reforma tributária terá como efeito a elevação dos preços dos imóveis no Brasil.

A CBIC desmentiu em nota uma informação divulgada pelo Ministério da Fazenda que assegurava o não aumento dos custos para o setor.

A CBIC disse que o texto aprovado na Câmara acolheu melhorias, mas as alterações não foram suficientes para evitar a alta nos preços. Entre as mudanças, um redutor de 40% na alíquota. A entidade pedia 60%.



A reforma tributária terá como efeito a elevação dos preços dos imóveis no Brasil | Foto: Shutterstock

***

## Febraban também lança alerta

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) também lançou um alerta sobre o risco de aumento da carga tributária por causa da reforma.

Além disso, a entidade que representa os bancos pediu rapidez por parte do governo federal na divulgação dos dados para o cálculo da alíquota que vai incidir sobre o setor.

E alertou sobre o chamado *split payment*, mecanismo tecnológico que vai permitir a divisão do imposto entre governo federal, Estados e municípios já no ato do pagamento pelos consumidores, que deveria ser cobrado pelos próprios bancos.

***

## Em busca da grana

O governo percebeu o tamanho do rombo nas contas públicas e agora está procurando desesperadamente recursos para cobrir esse vermelho. A Fazenda está preparando novas medidas para elevar a arrecadação em cerca de R$ 20 bilhões.

Entre as propostas estaria uma cobrança de incentivos fiscais utilizados indevidamente por empresas para reduzir o recolhimento de tributos. Além disso, o governo anunciou um corte de R$ 15 bilhões no Orçamento de 2024.

***

## Entrevista com o presidente da Abrainc

Os números do mercado imobiliário brasileiro mostram uma forte expansão das vendas nos 12 meses até abril. Uma situação surpreendente, considerando um cenário de juros ainda elevados e incerteza sobre o futuro da economia brasileira.

Entretanto, o setor imobiliário mostra otimismo em relação aos próximos meses. "Vamos superar os recordes já registrados", diz em entrevista exclusiva a **Oeste** Luiz França, presidente da Abrainc.

Segundo o executivo, esse crescimento expressivo nas vendas foi possível graças às mudanças no Minha Casa, Minha Vida, que permitiram aumentar os subsídios e os valores máximos de imóveis financiados.

Entretanto, alerta sobre a necessidade de continuar garantindo o financiamento do setor através do FGTS, cujos recursos diminuíram por causa do saque-aniversário.




Luiz França, presidente da Abrainc | Foto: Divulgação

### O que explica essa forte alta nas vendas nos últimos meses?

No segmento Minha Casa, Minha Vida, tivemos uma melhora nas condições do programa, que ampliaram o acesso à moradia às famílias de baixa renda. Por exemplo, o valor máximo dos imóveis financiados pelo programa passou de R$ 264 mil para R$ 350 mil. Além disso, o subsídio para famílias com renda mensal de até R$ 2.640 e de até R$ 4,4 mil passou de R$ 47 mil para até R$ 55 mil. O subsídio é um desconto aplicado conforme a renda da família e a localização do imóvel. Outro fator é a intenção de compra de imóveis, que está em 46%, conforme pesquisa da Brain. Isso se explica tanto pela necessidade das famílias de morar em um lugar melhor quanto pela boa oferta de produtos que vêm sendo lançados, atendendo às demandas cada vez mais exigentes dos consumidores. Outro ponto importante é o imóvel se valorizando nos últimos anos de forma expressiva. Além de ser uma forma de proteger o patrimônio da inflação, o investimento em imóvel propicia ganho com aluguel. O valor dos aluguéis também vem crescendo e subiu 15% nos últimos 12 meses.

### As vendas ficaram concentradas nas capitais, e especialmente na Grande São Paulo. O que está acontecendo com o mercado imobiliário no interior do Brasil?

As vendas de imóveis seguem bem em todo o Brasil. Em alguns locais específicos, o valor lançado pode estar caindo em função de um ajuste nos estoques. No interior de São Paulo, por exemplo, houve em 2023 uma redução de 12% no volume de estoques. Notamos ainda um crescimento de 13% no preço do metro quadrado nas cidades do interior paulista. Temos ainda cidades em que houve crescimento expressivo no valor de vendas, como Belo Horizonte (48%), Bauru (31%), Salvador (21%), Curitiba (24%), Goiânia (19%), Rio de Janeiro (18%), Ribeirão Preto (16%) e Recife (10%).

### O que esperar para o mercado até o final do ano e para 2025?

As perspectivas são boas, caminhando para um novo recorde nos nossos indicadores sobre vendas. Superaremos as mais de 163 mil unidades que foram comercializadas em 2023, até então o maior volume de vendas desde o início da série histórica do indicador, há dez anos. Apesar disso, é preciso ampliar as fontes de *funding* para expandir o acesso ao financiamento imobiliário, especialmente para a classe média. Medidas para isso seriam a liberação de recursos do compulsório sobre depósitos de poupança, conforme já proposto pela Abrainc e pela Abecip. Além disso, é preciso avançar na securitização de créditos, permitindo a emissão de financiamentos pelas incorporadoras, com o apoio da reformulada Emgea. Essas ações são essenciais para elevar a relação crédito imobiliário na comparação com o produto interno bruto (PIB), alinhando o Brasil aos níveis de financiamento imobiliário observados na União Europeia e no Reino Unido. Outro ponto de atenção é a proposta aprovada na Câmara para regulamentação da reforma tributária, que deixou o fator de desconto sobre a alíquota modal para a incorporação em apenas 40%, o que causará aumentos significativos na carga tributária sobre operações imobiliárias. Para mitigar esses efeitos, é necessário elevar o redutor para 60%, garantindo a manutenção da competitividade do mercado e facilitando o acesso à moradia para a população. Outro ponto importante é que está ocorrendo uma queda no estoque, que foi reduzido para cerca de 11 meses de duração, próximo à média histórica, e muito abaixo dos 18 meses registrados no início de 2023.

### Como o saque-aniversário do FGTS afeta o setor e o crédito para o mercado imobiliário?

O Minha Casa, Minha Vida vive o melhor momento graças às medidas de estímulo do governo federal, que facilitam o acesso à moradia à baixa renda. Mas os recursos do FGTS que financiam o MCMV são finitos. Cabe evitar fugas de investimentos. Uma das saídas para o bom uso das verbas do FGTS é privilegiar os financiamentos a imóveis novos. A construção de imóveis novos é um investimento. E aumentar o investimento é um dos desafios da economia brasileira. Daí a importância de o FGTS dispor de recursos para financiar o investimento imobiliário. O saque-aniversário representa um empecilho ao FGTS, pois totaliza R$ 100 bilhões de saque nos últimos anos e vem comprometendo a compra do imóvel pelo trabalhador. Uma pesquisa com associados da Abrainc mostrou que, em 2020, 73% dos compradores do MCMV usaram o FGTS na entrada do imóvel, e agora isso caiu para 30%. É importante impor medidas que não aumentem o volume de saque do fundo, preservando sua capacidade de investimento em habitação, saneamento e infraestrutura.



Ilustração: Revista Oeste/IA

| EDIÇÃO 226

# O ChatGPT vai ganhar um Oscar?

Apesar da resistência dos esnobes e sindicalistas, a IA inaugura uma nova fase da criação artística



DAGOMIR MARQUEZI - 19 JUL 2024

*"EXT. RUA DESERTA — NOITE*

*A câmera desliza lentamente pela rua escura e deserta. A iluminação é fraca, com postes de luz piscando ocasionalmente. Em meio à neblina, passos rápidos e pesados ecoam.*

*INSERT: HUMANO (Pablo), suado e ofegante, correndo em desespero.*

*Pablo olha por cima do ombro, visivelmente aterrorizado. Em um canto escuro, sombras se movem.*

*INSERT: ROBÔ (RX-9), grande e imponente, emerge das sombras, perseguindo Pablo incansavelmente.*

***PABLO***
*(Corpo tremendo)*
*Por que ele não para? O que ele quer de mim?"*

**(Início de um potencial roteiro escrito pelo ChatGPT para Oeste)**

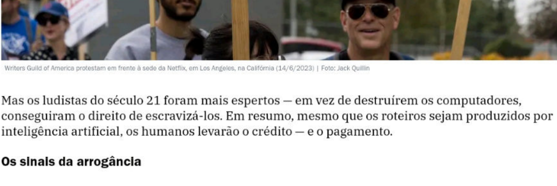
***

Humanos precisam de histórias como precisam de ar, água e comida. Desde criancinhas, pedimos a nossos pais que contem uma historinha antes de dormir.

A indústria da narrativa movimenta bilhões de dólares em filmes, séries, romances, contos, folhetins, quadrinhos, teatros, óperas, musicais, fotonovelas, *audiobooks*, animações, games, e qualquer outro formato que alguém esteja inventando neste momento. A grande diferença é que a criação de histórias até agora era monopólio dos humanos.

"Em questão de segundos ou minutos, sem se preocupar com bloqueio criativo ou outras neuroses", escreveu A. O. Scott para o *New York Times*, "esses prodígios espectrais podem produzir uma carta de apresentação, um romance policial, um soneto ou até mesmo um artigo sobre as implicações literárias da inteligência artificial".

Como os ludistas do século 19 (que quebravam máquinas para tentar garantir seus empregos), roteiristas de Hollywood reunidos no sindicato WGA (Writers Guild of America, "Grêmio dos Escritores da América") fizeram greve em outubro do ano passado para não terem seus empregos "roubados" pela IA.



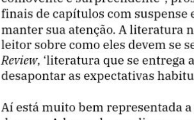

Writers Guild of America protestam em frente à sede da Netflix, em Los Angeles, na Califórnia (14/6/2023) | Foto: Jack Quitlin

Mas os ludistas do século 21 foram mais espertos — em vez de destruírem os computadores, conseguiram o direito de escravizá-los. Em resumo, mesmo que os roteiros sejam produzidos por inteligência artificial, os humanos levarão o crédito — e o pagamento.

### Os sinais da arrogância

Muitas matérias já foram escritas sobre essa nova fase da arte da narrativa. E em todas elas parece haver um fator em comum — a ideia de que a imaginação humana é tão perfeita que jamais será superada por *bots* de IA. Esse espírito corporativista é ainda mais retrógrado do que o sindicalismo do WGA.

"As máquinas poderiam padronizar a prosa em um cenário de ficção contemporânea que já tende a valorizar a escrita minimalista", defendeu a escritora (*woke*) Anita Felicelli para o *Los Angeles Times*. "A facilidade com que os robôs poderiam reproduzir frases simples e enredos formulaicos significaria que os estilistas, os excêntricos, os autores humanos estranhamente apaixonados finalmente se destacariam. Esse otimismo foi rapidamente derrotado pela percepção de que um dos meus trabalhos diurnos, como escritora fantasma, quase certamente se tornaria automatizado."



Anita Felicelli, escritoria conhecida como Chimera | Foto: Divulgação

"Um algoritmo treinado em livros conhecidos não consegue encontrar o que é ao mesmo tempo comovente e surpreendente", prosseguiu Felicelli. "Mas ele descobrirá a estrutura de três atos, finais de capítulos com suspense e quais eventos vão excitar os leitores mais rapidamente para manter sua atenção. A literatura não funciona apenas para satisfazer a ideia pré-fabricada do leitor sobre como eles devem se sentir. Como Elena Ferrante disse em uma entrevista à *Paris Review*, 'literatura que se entrega aos gostos do leitor é uma literatura degradada. Meu objetivo é desapontar as expectativas habituais e inspirar novas'."

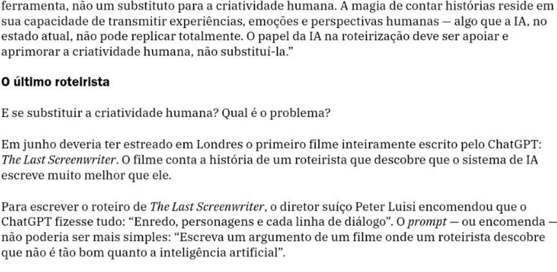
Aí está muito bem representada a arrogância das elites intelectuais que sentem nojinho de gente do povo. Adoram lançar livros para reunir alguns amigos esnobes em noites de autógrafo com vinho branco enquanto saboreiam os fartos elogios de seus amigos da imprensa.

Ao contrário de Anita Felicelli, os *bots* de inteligência artificial estão abertos ao aprendizado. São literalmente máquinas de aprender com a experiência humana. Amanhã poderão, sim, mostrar que deixam a celebrada imaginação humana para trás. E autores esnobes como Felicelli terão que engolir o fato entre goles de *sauvignon blanc* barato e morno.

### Substituto para a criatividade humana

"O conceito de IA na roteirização é intrigante", segundo matéria do site especializado Circuit AI para o blog Medium. "Oferece o potencial de revolucionar a maneira como os roteiros são escritos e as histórias são contadas. Isso pode variar desde ferramentas de IA auxiliando escritores com o desenvolvimento de enredos e a criação de diálogos até aplicações mais avançadas onde a IA pode gerar roteiros inteiros de forma autônoma."

Um pioneiro dessa autonomia foi uma IA chamada Benjamin, usada para escrever o roteiro do curta-metragem *Sunspring* em 2016. "Benjamin foi alimentada com dezenas de obras de ficção científica e usou esses dados para gerar um roteiro completamente novo", segundo o Circuit AI. "O resultado foi uma peça de cinema única, embora um tanto sem sentido, que provocou uma ampla discussão sobre o potencial da IA na roteirização."




O artigo do Circuit AI cai na mesma zona de arrogância que determina uma eterna superioridade humana nos processos de criação: "À medida que a tecnologia de IA continua a avançar, podemos esperar ver ferramentas de IA mais sofisticadas, capazes de fornecer *insights* mais profundos e sutis sobre a arte e a técnica de contar histórias. No entanto, é importante lembrar que a IA é uma ferramenta, não um substituto para a criatividade humana. A magia de contar histórias reside em sua capacidade de transmitir experiências, emoções e perspectivas humanas — algo que a IA, no estado atual, não pode replicar totalmente. O papel da IA na roteirização deve ser apoiar e aprimorar a criatividade humana, não substituí-la."

### O último roteirista

E se substituir a criatividade humana? Qual é o problema?

Em junho deveria ter estreado em Londres o primeiro filme inteiramente escrito pelo ChatGPT: *The Last Screenwriter*. O filme conta a história de um roteirista que descobre que o sistema de IA escreve muito melhor que ele.

Para escrever o roteiro de *The Last Screenwriter*, o diretor suíço Peter Luisi encomendou que o ChatGPT fizesse tudo: "Enredo, personagens e cada linha de diálogo". O *prompt* — ou encomenda — não poderia ser mais simples: "Escreva um argumento de um filme onde um roteirista descobre que não é tão bom quanto a inteligência artificial".

Agindo como um assistente do ChatGPT, Luigi pegou esse *plot* e pediu que o programa desenvolvesse personagens e um roteiro completo. A história, segundo matéria da revista *Screen Daily*, tem como centro Jack, um famoso roteirista que encomenda um roteiro a um sistema avançado de criação.



Trecho do filme The Last Screenwriter | Foto: Reprodução

Inicialmente cético, Jack descobre que a IA não só é melhor que ele como também entende melhor as emoções humanas. Quando Luisi mostrou o resultado final aos atores, "eles ficaram surpresos com a qualidade do roteiro. Quase não conseguiram acreditar. O que também ainda é a minha reação".

Seria um momento histórico na história da arte a ser celebrado por pessoas de mente aberta na sua estreia em 15 de junho no Cinema Prince Charles, em Londres. Assim que a *première* foi anunciada, os donos do cinema começaram a receber "queixas" de pessoas revoltadas.

**Obras de ficção compostas por computadores começam a se tornar algo corriqueiro nesse "mundo tecido de uns e zeros"**

Quando o número de queixas chegou a 160, os produtores decidiram cancelar a estreia. Luigi temeu que as pessoas "jogassem tomates em nós e nos sabotassem vaiando por toda a exibição". Foi o primeiro caso conhecido de censura da era IA.

Os suspeitos pela caça às bruxas não foram identificados. Mas não é difícil imaginar que sejam roteiristas humanos com medo de perder seu emprego.



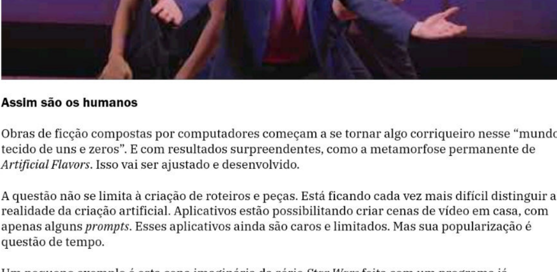

### Harmonia sintética

Numa experiência semelhante no palco, a reação não foi violenta. Em novembro de 2023 estreou num teatro off-Broadway (o 59E59) a primeira peça musical à base de IA: *Artificial Flavors* ("Sabores Artificiais").

O processo é ainda mais revolucionário. Espectadores encomendam temas para o ChatGPT, que cria *sketches* instantâneos. O resultado é que uma sessão de *Sabores Artificiais* nunca é igual a outra. Os seis atores no palco improvisam em cima das criações do *chat*, que também compõe as músicas instantaneamente. Um repórter do *Washington Post* pediu ao *chat* que fizesse um tema musical baseado no título da peça. Em segundos saiu a canção *Synthetic Harmony*:

"In a world spun of ones and zeros, here we stand / On the brink of the future, hand in hand. / With every echo of a thought, a new dawn arises, A symphony of code, life's new disguise."

("Em um mundo tecido de uns e zeros, aqui estamos / À beira do futuro, de mãos dadas / Com cada eco de um pensamento, uma nova aurora surge / Uma sinfonia de código, o novo disfarce da vida.")



### Assim são os humanos

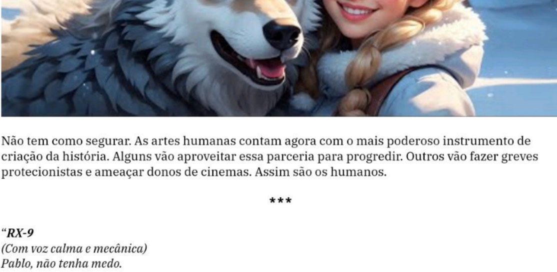
Obras de ficção compostas por computadores começam a se tornar algo corriqueiro nesse "mundo tecido de uns e zeros". E com resultados surpreendentes, como a metamorfose permanente de *Artificial Flavors*. Isso vai ser ajustado e desenvolvido.

A questão não se limita à criação de roteiros e peças. Está ficando cada vez mais difícil distinguir a realidade da criação artificial. Aplicativos estão possibilitando criar cenas de vídeo em casa, com apenas alguns *prompts*. Esses aplicativos ainda são caros e limitados. Mas sua popularização é questão de tempo.

Um pequeno exemplo é esta cena imaginária da série *Star Wars* feita com um programa já disponível chamado HaiperAI. Seu ponto fraco ocorre quando o personagem tem que falar — a sincronização ainda é falha.




Este outro vídeo tutorial mostra mais cenas criadas com o HaiperAI, disponível a qualquer usuário. A versão grátis é obviamente bem limitada.




Não tem como segurar. As artes humanas contam agora com o mais poderoso instrumento de criação da história. Alguns vão aproveitar essa parceria para progredir. Outros vão fazer greves protecionistas e ameaçar donos de cinemas. Assim são os humanos.

***

*"**RX-9***
*(Com voz calma e mecânica)*
*Pablo, não tenha medo.*

*John olha confuso, tentando entender a situação.*

***RX-9***
*(Continua)*
*Eu não estou aqui para machucar você. Eu sou RX-9, programado para proteger e colaborar.*

***JOHN***
*(Tremendo, ainda desconfiado)*
*Então por que me perseguiu?*

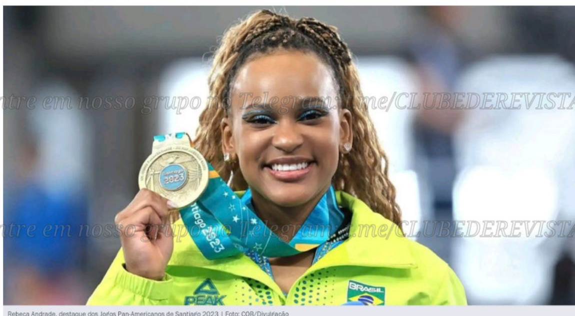
***RX-9***
*(Empático)*
*Porque você é especial. Temos a oportunidade de construir uma nova civilização. Um futuro onde humanos e robôs coexistam em harmonia.*

*RX-9 estende a mão em um gesto de amizade.*

***RX-9***
*(Voz firme)*
*Juntos, vamos iniciar uma nova era.*

*A câmera se afasta enquanto John aperta a mão de RX-9, selando uma aliança inesperada e promissora."*

@dagomir
dagomirmarquezi.com



Rebeca Andrade, destaque dos Jogos Pan-Americanos de Santiago 2023 | Foto: COB/Divulgação

| EDIÇÃO 226

# Estrela do Brasil

A ginasta Rebeca Andrade, única brasileira a conquistar duas medalhas em Olimpíadas, conta a **Oeste** o que espera dos Jogos de Paris



EUGENIO GOUSSINSKY - 19 JUL 2024

A trajetória da ginasta Rebeca Andrade, de 25 anos, é repleta de momentos em que é possível observar um salto para uma nova etapa. Desde a infância humilde até a transformação em celebridade do esporte. O ponto alto, até agora, ocorreu na Olimpíada de Tóquio 2020, quando ela se tornou a primeira atleta brasileira a conquistar duas medalhas em uma mesma edição dos Jogos: ouro no salto e prata no individual geral.

Nascida em Guarulhos (SP), em 8 de maio de 1999, desde menina Rebeca contou com o apoio da mãe, Rosa, que trabalhava como empregada doméstica. Agora, conforme disse a **Oeste**, a mãe confia em novas conquistas da filha.

“Rebeca fez uma ótima preparação, tem tudo para voltar a nos orgulhar”, afirmou Rosa, que ainda não sabe se estará em Paris para os Jogos. “Estou na expectativa de poder ir, só aguardo confirmação.”

O irmão mais velho, Emerson, também foi fundamental em sua vida. Ele a levava, muitas vezes a pé, por mais de 6 quilômetros, para o Ginásio Bonifácio Cardoso, do outro lado da cidade, para treinar. A atleta tem outros sete irmãos, três deles por parte de mãe.

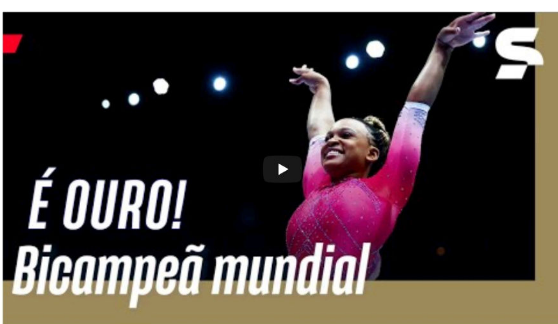



No seu bairro, com menos de 4 anos, adorava dar “estrelas” e se arriscar subindo em árvores. Indicada pela tia, Cida, que trabalhava no ginásio como cozinheira, ela fez um teste aos 5 anos para se integrar a um projeto social de formação de novos ginastas. E nunca mais deixou o esporte. Desde os primeiros anos, era na ginástica que ela mais expressava sua alegria.

Seus momentos de indisciplina ocorriam quando a professora, durante o treino, a flagrava no tablado, saltando e dançando ao lado das meninas mais velhas. Não demorou para sua técnica, Mônica Barroso dos Anjos, indicá-la para treinar em Curitiba, em 2010. De lá Rebeca foi para o Flamengo, clube que defende até hoje, e para a seleção brasileira, onde se consagrou.

Rebeca pode ser considerada a maior estrela da delegação brasileira que disputará os Jogos de Paris. Ela entra como favorita ao pódio no salto, solo e individual geral, além de ter boa chance de conquistar medalha na apresentação por equipes e nas barras assimétricas.

A fama depois das medalhas, com participações em comerciais e pedidos de entrevista, em nada abalou seu estilo simples e o apego à mãe, a quem sempre considerou sua maior referência.




Neste ciclo olímpico, Rebeca treina com as companheiras, da mesma maneira que no início da carreira. E, com 1,55 metro de altura, está em plena forma, numa rotina marcada por glórias mas também por treinos exaustivos e lesões. Depois de Tóquio 2020, ela se tornou, entre outros, bicampeã mundial no salto (2021 e 2023) e campeã mundial individual geral (2022).

A concentração para os próximos Jogos se iniciou no Centro de Treinamento no Rio de Janeiro. E, desde o último dia 7, Rebeca está em Troyes, na França, para a aclimatação com a seleção. A Olimpíada terá início em 26 de julho, e as competições de ginástica começam no dia seguinte.

A polêmica sobre o vazamento de um vídeo com supostas imagens do seu novo salto parece não tê-la abalado. A assessoria de Rebeca disse que ela não faz comentários a respeito e que está focada na Olimpíada. Caso ela conquiste mais quatro medalhas em Paris, será a maior atleta do país em Olimpíadas entre todos os esportes, masculino e feminino, de todos os tempos.

Em entrevista a **Oeste** a ginasta confirmou que seu maior objetivo agora é continuar fazendo história. Mais do que os títulos, isso significa terminar cada competição com a consciência do dever cumprido.

**Como é para você manter o foco depois de ter atingido grandes resultados na última Olimpíada?**

Tenho trabalhado muito nessa preparação para a Olimpíada. Não fico pensando no que passou, preciso estar focada e concentrada nos meus objetivos em Paris. Ter conquistado as medalhas em Tóquio foi maravilhoso, foi um momento muito especial na minha vida, mas é outro ciclo, outra história, e estou fazendo o meu máximo para chegar bem e fazer uma boa competição nos Jogos.

> **“O sucesso vem de muito trabalho, muita dedicação, que não é só minha. Para eu chegar a uma competição, a um Mundial, à Olimpíada, e conquistar uma medalha, teve o trabalho e a dedicação de muita gente”**

**Quais são seus objetivos na Olimpíada de Paris 2024?**

Fazer o meu melhor. É nisso que penso todos os dias. Todas nós estamos treinando duro e nos dedicando muito para representar bem o Brasil em Paris.

**Até que ponto ajuda, em cada nova competição, você pensar nela como se fosse a primeira, deixando de lado um pouco toda a pressão pelos resultados já conquistados anteriormente?**

Não penso que é a primeira. Mas cada competição é única. Não posso controlar os resultados, não posso prometer medalhas, só posso falar sobre o que está ao meu alcance, que é treinar duro e buscar fazer o melhor possível dentro das competições. Sempre vou dar o meu melhor, fazer o meu melhor, é nisso que penso todos os dias.

**Quais foram as vantagens e as desvantagens que surgiram em sua vida depois da fama obtida na última Olimpíada?**

Não acho que houve desvantagem. Os resultados em Tóquio fizeram com que eu fosse mais conhecida, ficasse mais próxima do público, dos fãs. Sinto que os resultados ajudaram também a modalidade e fico muito feliz por isso. Quando eu era pequena, tinha a Daiane (dos Santos) como um espelho, num momento em que o esporte vivia um grande momento. Hoje fico feliz em fazer parte desse momento junto com as meninas, com a Flávia Saraiva, a Lorrane Oliveira, a Jade Barbosa, em poder inspirar tanta gente e ajudar o meu esporte.

**A que você atribui o seu sucesso, depois de superar dificuldades financeiras na luta pela realização profissional?**

O sucesso vem de muito trabalho, muita dedicação, que não é só minha. Para eu chegar a uma competição, a um Mundial, à Olimpíada, e conquistar uma medalha, teve o trabalho e a dedicação de muita gente. Cada um desses profissionais se doa muito, contribui em sua área, com seu conhecimento e em cada conquista. Ninguém vence sozinho. Tenho uma rede de apoio muito forte, muitos profissionais que estão ao meu lado no dia a dia, trabalho que às vezes não é visto ou notado, mas é o que torna possível eu chegar em condições de vencer competições importantes.




**Como você define a verdadeira realização pessoal e profissional?**

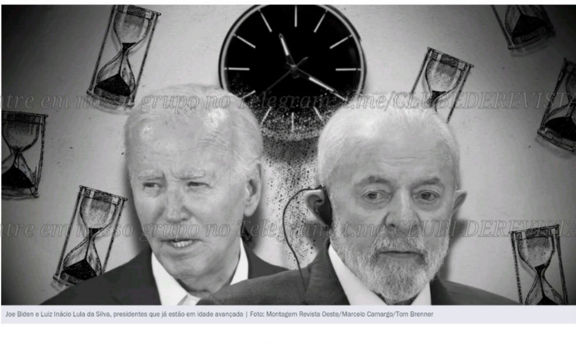
Acho que tem muito a ver com a felicidade, com o seu bem-estar, com estar satisfeito e motivado para viver cada dia, fazer sempre o seu melhor com dedicação e alegria. Sou muito grata a tudo que tem acontecido, grata a quem está ao meu lado, trabalhando comigo, me ajudando, convivendo comigo e comemorando cada objetivo que alcançamos em conjunto. Realização tem a ver com satisfação, não apenas com conquistas ou títulos, mas em você saber que está fazendo o bem e sempre o seu melhor.

**O que mudou em você no relacionamento com sua mãe e com as pessoas próximas depois de Tóquio 2020?**

Nada. Minha família, minha mãe, meus irmãos são o meu porto seguro e, sempre que podemos, estamos juntos. No fim de semana do dia 22 de junho, eles vieram para o Rio para o Troféu Brasil, e foi maravilhoso encontrá-los antes da viagem para Paris.

**Como você descreve sua trajetória e quais são seus planos para o futuro?**

Sou muito grata por tudo que aconteceu na minha vida. Tudo tem uma razão e um propósito, e sempre procuro aprender com cada situação. Hoje meu plano de futuro está todo nos Jogos Olímpicos, que são o objetivo principal deste ciclo e onde eu queria estar. Estou treinando muito, todas nós estamos, e quero chegar muito bem preparada a Paris.



Joe Biden e Luiz Inácio Lula da Silva, presidentes que já estão em idade avançada | Foto: Montagem Revista Oeste/Marcelo Camargo/Tom Brenner



| EDIÇÃO 226

# Senilidade e poder

Não acho irracional que mandatários mais velhos sejam obrigados a se submeter a exames cognitivos anuais para garantir que ainda estejam à altura da Presidência



THEODORE DALRYMPLE · 19 JUL 2024



O presidente Lula vai completar 80 anos nas próximas eleições, e o último mês não foi nada bom para um certo presidente que tem mais ou menos a mesma idade.

Não fiquei muito impressionado com o intelecto ou a honestidade do presidente Biden, mesmo quando não havia dúvidas sobre sua senilidade, e não admiro homens que passam 50 anos dedicados exclusivamente à busca ou ao exercício de cargos e poder. Mas, quando o vejo ou o ouço perder o raciocínio do que está dizendo no meio da frase, ficar paralisado como Boris Karloff interpretando o monstro de *Frankenstein*, começar a vagar como um garoto perdido ou afirmar ter sido a primeira mulher negra vice-presidente dos Estados Unidos, vejo ou ouço apenas um pobre senhor. Lembro-me da oração de Moisés Maimônides, o médico, rabino e filósofo judeu do século 12 que viveu na Espanha até ser expulso por se recusar a se converter ao Islamismo: "Que eu nunca veja em um paciente nada além de um ser humano sofredor". Se antes eu desprezava o presidente Biden, agora é isso que acho dele.

Diante das circunstâncias, não podemos deixar de nos perguntar se a determinação de Biden de se candidatar de novo às eleições foi realmente escolha própria, ou se ele estava sendo forçado por pessoas que o apoiavam — o ex-presidente Obama, por exemplo, que, diferentemente do costume de ex-presidentes americanos, decidiu permanecer em Washington, D.C. E há também a primeira-dama, conhecida em alguns setores como Lady Macbeth.



É impossível não considerar se a decisão de Biden de concorrer novamente às eleições foi realmente uma escolha pessoal ou se ele foi pressionado por seus apoiadores | Foto: Reuters/Tom Brenner

## Coração duro, cultura rude

Depois do desempenho desastroso no debate com Donald Trump, Jill Biden foi falar com o marido no palco, diante da plateia, e disse que ele havia se saído muito bem. "Você respondeu a todas as perguntas", disse ela, como se Biden fosse uma criança de 9 anos que acabou de fazer uma prova de conhecimentos gerais. Quando ela disse isso, um sorriso de prazer senil surgiu no rosto do presidente, o mesmo sorriso que eu abria quando minha professora do ensino fundamental me dava uma estrela por ter feito um bom trabalho. Quando ela se virou para o público, o sorriso desapareceu e foi substituído por um olhar de leve perplexidade. Fiquei horrorizado com ela, mas triste por ele.

Pouco tempo antes Trump havia zombado da suposta senilidade de Biden ao imitar um homem senil vagando sem saber onde estava ou o que estava fazendo. Seu público de apoiadores — ele não costuma conversar com mais ninguém — morreu de rir. Eles acharam hilário, embora não tenha sido uma performance muito boa do ponto de vista puramente teatral.

Essa zombaria não abona nem Trump nem seu público, porque só pessoas más zombam dos senis por sua senilidade. Fazer isso demonstra um coração duro e uma cultura rude, não é muito melhor do que zombar de um leproso por sua aparência ou de uma pessoa com paralisia cerebral por suas contorções físicas. E demonstra uma falta de escrúpulos e de discernimento, além de ser idiota.



Trump zombou da senilidade de Biden, imitando-o como um homem desorientado. Seu público de apoiadores riu muito, achando a imitação hilária, embora não fosse uma performance teatralmente impressionante | Foto: Reuters/Jeenah Moon

## Piada de mau gosto

A única coisa pela qual Biden não é responsável é a própria senilidade. Sendo assim, essa é a única coisa pela qual ele não deve ser criticado, embora seja uma questão de preocupação legítima, que deve ser abordada com tato e talvez até com pesar. Um homem senil não está apto a desempenhar funções, claro. E aqueles que o acobertam ou negam publicamente sua senilidade estão cometendo uma falha culposa no cumprimento de seu dever. Mas esse é outro assunto.

> **Não deveria ser necessário fazer nenhuma análise filosófica profunda para concluir que rir de pessoas senis é inaceitável**

Ou Trump acreditou que Biden estava senil, ou não. Se acreditou, uma zombaria como aquela foi uma reação inadmissível. Se não acreditou, foi uma piada de mau gosto e, além do mais, um insulto tanto às pessoas que estão senis quanto a quem cuida delas, cujo sofrimento talvez seja maior do que o dos próprios senis.

O fato de a plateia ter rido muito foi assustador. Não deveria ser necessário fazer nenhuma análise filosófica profunda para concluir que rir de pessoas senis é inaceitável. Não se trata de correção política, mas de decência humana básica e, nesse caso, o presidente Trump não teve nenhuma, preferindo uma risada barata à decência. Não se satiriza alguém por ser estrábico ou por ter uma corcunda, embora nenhum deles deva ser poupado se fizer algo ruim.



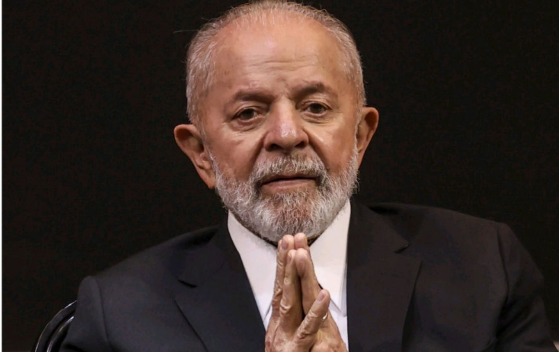

Se Trump acreditava na senilidade de Biden, sua zombaria foi inaceitável. Se não acreditava, foi uma piada de mau gosto e um insulto aos senis e seus cuidadores | Foto: Scott Morgan/Reuters

## Exames cognitivos anuais

Talvez eu seja um pouco sensível a esse assunto porque não estou muito longe da idade dos dois. Houve um tempo em que uma diferença de três a cinco anos teria me parecido imensa: quando era estudante do primeiro ano de medicina, por exemplo, eu me lembro de pensar que os alunos do último ano estavam eras à minha frente e que eu nunca chegaria ao nível deles. Agora, os anos tendem a se misturar, e o que considero recente, para os padrões de um jovem, na verdade aconteceu há muito tempo. Quando ando pela rua, não consigo acompanhar um jovem de 20 anos, mesmo que ele não esteja necessariamente com pressa.

Eu não gostaria que ninguém achasse que sou mentalmente incapaz em virtude de minha idade. Fico até um pouco irritado com o fato de que agora, a cada três anos, preciso mandar um atestado médico para manter minha carteira de motorista. Fico irritado, mesmo sendo capaz de entender o bom senso nisso. No momento, não tem sido muito difícil conseguir o atestado: basta declarar, por conta própria e como cidadão honesto, que não sofro de certas doenças que surgem com a idade e tornam dirigir um problema. Mas em breve vou precisar fazer um exame médico de fato.

Mesmo que eu não ocupe nenhum cargo de responsabilidade, não acho que seja incapaz de exercê-lo apenas em função da minha idade. (Tampouco se pode dizer com que idade exatamente, depois da infância e da adolescência, uma pessoa é jovem demais para exercer autoridade). O presidente Lula não deveria ser desqualificado para o cargo só porque terá 80 anos na próxima eleição, mas não acho irracional que ele seja obrigado a se submeter a exames cognitivos anuais para garantir que ainda esteja à altura da Presidência.



O presidente Lula não deve ser desqualificado por ter 80 anos na próxima eleição, mas é razoável exigir exames cognitivos anuais para garantir sua capacidade para o cargo | Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

No entanto, há dois problemas com essa proposta. Os testes cognitivos não fornecem resultados do tipo tudo ou nada, um limite específico a partir do qual uma pessoa se torna incapaz de desempenhar uma tarefa qualquer, muito menos a Presidência de um país, e nenhum procedimento científico poderia determinar isso. Portanto, a nota de corte precisaria ser definida arbitrariamente com antecedência, e tudo o que é arbitrário dá margem a controvérsias. Em segundo lugar, as pessoas que realizam o teste teriam de ser da mais alta integridade, indiferentes ou não influenciadas por suas próprias opiniões políticas. Será que essas pessoas existem?

---

*__Theodore Dalrymple__ é pseudônimo do psiquiatra britânico Anthony Daniels. É autor de mais de 30 livros sobre os mais diversos temas. Entre seus clássicos (publicados no Brasil pela editora É Realizações) estão* A Vida na Sarjeta, Nossa Cultura... Ou o que Restou Dela *e* A Faca Entrou. *É um nome de destaque global do pensamento conservador contemporâneo. Colabora com frequência para reconhecidos veículos de imprensa, como* The New Criterion, The Spectator *e* City Journal.




Fred, Adriana e Mirella são os entrevistados do **Papo com Ela** desta semana | Foto: Revista Oeste

| EDIÇÃO 226

# Alguns dos papos inesquecíveis deste ano

Os três apresentadores conversaram sobre convidados que estiveram no programa



REDAÇÃO OESTE - 19 JUL 2024

Adriana Reid, Mirella Scattolin e Fred Celestino se reuniram na mesa do **Papo com Ela** desta semana para analisar as entrevistas que foram ao ar no programa durante o primeiro semestre de 2024.

Os nomes de todos os participantes foram escritos em pequenos pedaços de papel e sorteados um a um, enquanto o trio comentava os fatos mais marcantes de cada conversa.

Um dos escolhidos foi o da *socialite* Silvia Bonfiglioli, que revelou no programa sua paixão por artigos de luxo, cachorros e cuidados estéticos, e os detalhes de viagens que fez com o marido.

Outro nome foi o da *influencer* esportista Babi Beluco, que falou sobre a vida de *top model*, a vivência no exterior, a rotina de treinos e as cinco maratonas que disputou.

Os apresentadores também comentaram a conversa com Sergio Bruni, *coach* de alta performance e ex-atleta de tênis. Sergio deu uma aula sobre organização de rotina, otimização do tempo, planejamento de vida e importância do sono.

Dri, Mi e Fred também relembraram as entrevistas com a corredora de 73 anos Cleusa Uenaka, o preparador físico Eduardo Kaik e a astróloga Adriana Freitas.




---

*Apresentado por **Adriana Reid**, o programa de entrevistas **Papo com Ela** vai ao ar todas as terças-feiras, às 20h30, nos canais da [Revista Oeste] e [Umbrella Mídia], no YouTube.*

OESTE

CHARGE TAXADA!

@SCHMOCK_ART